



Universidade da Amazônia

# Sermão II - Maria Rosa Mística

de Padre Antônio Vieira

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## Sermão II — Maria Rosa Mística

de Padre Antônio Vieira

*Extollens vocem quaedam mulier (1).*

### CAPÍTULO I

Continuação do primeiro discurso. O não caber é argumento da grandeza das coisas. As duplas visões de José e Daniel demonstram que Deus, no fazer, obra segundo as medidas da sua onipotência, e no mostrar, segundo a capacidade da nossa vista. As coisas em excesso grandes nem em Atenas se podem ouvir bastantemente de uma só vez. O Rosário e o altar do Deus desconhecido.

Bem temia eu — como logo disse — que as primeiras excelências do Rosário, ou o alto e altíssimo dele, enquanto oração vocal, me não havia de caber em um só discurso. Mas nem por isso a faz menos nobre a necessidade de outro. O não caber é argumento da grandeza das coisas: assim sucede às notavelmente grandes. Aquela máquina grega, portanto da indústria do nosso Ulisses, porque não cabia pelas portas de Tróia, foi necessário que se lhe rompessem os muros. O mesmo Cristo, quando entrou pelo céu como homem, coube pelas portas: Attollite portas, príncipes, vestras (2) — mas quando desceu como Deus, foi necessário que os céus se rompessem: *Utinam dirumperes caelos, et descenderes* (3). Coube pelas portas enquanto homem; enquanto Deus não coube. Não fora a Arca do Testamento figura da Mãe de Deus se coubera no Tabernáculo de Moisés: por isso acrescentou Deus à primeira idéia a segunda, e mandou edificar o Templo de Salomão.

Acolá estava estreitada a sua grandeza, aqui dignamente ostentosa a sua majestade.

Mas, se ambas as idéias eram de Deus, por que foi necessário acrescentar a segunda sobre a primeira? Porque até o entendimento e a mão divina o faz assim nas grandes obras suas. Mostrou Deus a José as grandes fortunas para que o tinha destinado, e não em um só desenho, senão em dois: um na eira, outro no firmamento (Gen. 37, 7. 9). A primeira vez adorado nas paveias, que ele atava com os irmãos; a segunda, no sol, na lua e nas estrelas, que igualmente o adoravam. A grandeza do império de seu filho, mostrada já sobre a estátua dos quatro metais, também a tornou a mostrar Deus segunda vez nas quatro feras ou monstros que representavam as quatro monarquias do mundo (Dan. 2, 29; 7, 3). Pois, se o mesmo mundo o criou Deus, e fez de uma vez estouradas obras suas, por que as não mostra em uma só visão ou figura, senão em duas? Porque no fazer obra Deus segundo as medidas dá sua onipotência; no mostrar e dar a conhecer, segundo a capacidade da nossa vista. Porque nós não somos capazes de ver tudo de uma vez, supre Deus na segunda idéia o que faltou na primeira. Na primeira adoração de José mostrou a baixa condição dos adoradores; na segunda, a alteza e lustre do adorado. No primeiro abatimento dos quatro metais da estátua mostrou a riqueza de umas monarquias e a fortaleza das outras; no segundo, dos quatro monstros, não mortos como os metais, senão vivos e feros, na vida mostrou-lhes a duração, e na fereza a tirania.

Parece-me, senhores, que me tenho declarado. Para não caberem as excelências do Rosário vocal em um só discurso bastava a insuficiência do pregador; mas não foi essa a principal causa, senão a eminência da matéria e sua grandeza.

Quando o príncipe dos pregadores, S. Paulo, debaixo do nome de Deus desconhecido que os atenienses adoravam, lhes deu a conhecer a divindade e humanidade do Deus verdadeiro, disseram no Areópago aqueles que eram reputados pelos mais sábios homens do mundo: *Audiemus te de hoc iterum* (At 17, 32): Outra vez vos ouviremos sobre isto mesmo. — E como as coisas com excesso grandes nem em Atenas se podem ouvir bastantemente de uma só vez, outra vez também me haveis de ouvir sobre o mesmo ponto, que não será em tudo dessemelhante ao de S. Paulo. Aquela devoção dos atenienses era tão comum e tão vulgar que o mesmo Apóstolo lhes disse que, passando por uma rua da sua cidade, vira o altar do Deus desconhecido com o título por cima: *Ignoto Deo* (Ibid 23). Tão comum e tão vulgar é entre nós o Rosário! Mas hoje acabaremos de ver que não está ainda bem conhecido na nossa Atenas, e que lhe quadra em grande parte — posto que seja tão divino — o título de ignoto: Ave Maria.

## CAPÍTULO II

O que diz o Rosário e o modo com que se diz. Importância do modo de dizer na promessa de Cristo aos apóstolos. As dificuldades do modo de dizer nos louvores e nas petições. Argumento: os excessos e defeitos das petições e louvores do Rosário.

*Extollens vocem.*

Na oração vocal do Rosário, ou no Rosário enquanto oração vocal, consideramos, se bem nos lembra, a alteza de sua perfeição, já por parte das petições que nela fazemos, já por parte das majestades a que as presentamos, já por parte da intercessão de que nos valemos; e nestas três considerações, em que toda se compreende, a mostramos, não só alta, senão altíssimamente levantada: *Extollens vocem*. E esta alteza altíssima pode-se ainda altear, e tem mais por onde subir? Sim.

Porque no discurso passado ponderamos só o que diz o Rosário; hoje havemos de examinar o modo com que o diz.

*Consummatae sapientiae est, quid quo insequareis modo:* A sabedoria perfeita e consumada — diz Santo Agostinho — não só consiste nas coisas que se dizem, senão no modo com que se dizem: não só no quid, senão no quomodo (4). — Este foi um dos maiores privilégios — se não foi o maior — que Cristo concedeu aos seus apóstolos. Quando fordes levados a juízo, diante dos príncipes e tribunais do mundo, em defesa da minha fé e da vossa doutrina, não nos canseis, diz o Senhor, em meditar nem estudar o que haveis de dizer, nem o modo com que o haveis de dizer, porque naquela hora vos será dado:

*Nolite cogitare quomodo, aut quid loquamini: dabitur enim vobis in illa hora* (Mt. 10, 19). — *Notai o quid e o quomodo, e primeiro o quomodo que o quid.* Pois, não bastava que Deus infundisse naquela hora aos apóstolos a ciência das coisas que haviam de dizer, senão também o modo com que as haviam de dizer? Não bastava. Porque não só a inteligência, senão a mesma grandeza e energia das coisas que se dizem depende muito do modo com que se dizem. A razão deu em outro lugar o mesmo Santo Agostinho, tão douta e bem assentada como sua: *Parum et nimium duo sunt inter se contraria: parum est quod minus est quam oportet; nimium est quod plus est quam oportet: horum in medio modus est* (5). Quer dizer: o defeito e o excesso no dizer são dois contrários. O defeito diz menos do que convém, o excesso diz mais do que convém; e no meio destes dois extremos está o modo, o qual emenda o defeito para que não diga menos, e modera o excesso para que não diga mais.

Sendo esta, pois, a inteireza e perfeição do modo, não há duas coisas em que o mesmo modo seja mais dificultoso de se guardar, e em que tenha maior perigo de se perder ou perverter, que no louvor e no pedir. No louvar, por menos, porque de nenhuma coisa são mais avarentos os homens, que do louvor; e no pedir, por mais, porque de nenhuma são mais pródigos que do desejo de receber. E como os dois fins e intentos do Rosário vocal são louvar a Deus e à Mãe de Deus, e pedir mercês de ambos, este é o segundo ponto que pede novo discurso e novo exame. No primeiro ponderamos a alteza das vozes do Rosário no que dizem; agora examinaremos o fino ou afinado delas no modo com que o dizem. A muitos parecerá que em parte dizem mais, e em parte menos, que são os dois extremos entre os quais consiste o Modo, e a Cila e Caribdes, em que é difícil acertar com o meio; e a todos satisfaremos. Cristo, Senhor nosso, para dizer mais do que disse ou exclamou a oradora do Evangelho, replicou sobre o que ela tinha dito, acrescentando ao *beatus venter o quinimmo beati* e o mesmo farei eu. Sobre todas as três considerações do discurso passado, argüirei e replicarei o que parece digno de reparo tanto por parte do defeito, como do excesso; e, assim como já vimos a alteza da oração vocal do Rosário, no que dizem as suas vozes, assim a veremos agora no modo com que o dizem. No que dizem, alta e altíssima sobre todas; no modo com que o dizem, alta e altíssima sobre si mesma. Em suma, que a mesma voz do Evangelho, que já ouvimos, é a que tornaremos hoje a ouvir, mas em diverso tom, porque será um ponto mais levantada: *Extollens vocem*.

### CAPÍTULO III

Primeiro reparo: o modo tão nu e seco com que no Rosário invocamos a Deus. Confiança do Filho Pródigo no amor do pai.

O acerto do título que damos a Deus, ensinado por seu próprio Filho. Muito deseja dar quem pede que lhe peçam. Deus fez que seu Filho se fizesse homem, para ter um Filho que, como homem, lhe pudesse pedir. A oferta limitada de el-rei Assuero à rainha Ester, e a oferta sem limites de Cristo no Padre-nosso. A herança do Filho de Deus. Por que alegamos de nossa parte o perdão dos inimigos?

Começando, pois, pela majestade a que presentamos nossas petições — que foi a primeira consideração do discurso passado — a primeira coisa também em que se pode reparar é o modo tão nu e seco com que no Rosário invocamos a Deus, dizendo somente: *Pater noster*, sem outra prefação nem aparato de exórdio. No exórdio das outras orações sempre a Igreja costuma alegar a Deus, ou os seus atributos, ou os seus benefícios, ou as nossas necessidades, ou, talvez, o nosso merecimento. Mas orar a Deus e pedir-lhe mercês, sem da sua nem da nossa parte alegar motivo algum com que conciliemos a sua benevolência e façamos propícia a sua graça? Bem mostra nisto a primeira oração do Rosário ser ditada pelo Filho de Deus, e idéia soberana de seu entendimento. Quando nos ensina a invocar a Deus, cala o nome de Deus e o de Senhor — que é o princípio ordinário das outras orações — cala os atributos da misericórdia e da bondade, cala os títulos de Criador, Redentor, Justificador, e tantos outros de que nos pudéramos valer, e só quer que lhe chamemos Pai. Por que? Porque esta alegação tão breve, tão simples, e ao parecer tão nua e desarmada, é a que mais significa, a que mais move, a que mais enternece o coração de Deus, e a que não pode resistir todo seu poder. Todas as outras alegações juntas não chegam a compreender nem exprimir o que diz esta palavra: Pai.

Desenganado o Pródigo, e cansado de servir o mundo com o pago que ele costuma dar, o que disse dentro em si, depois que tornou em si, foi: *Surgam, et ibo ad patrem meum* (Lc. 15, 18): Tempo é já de me levantar da miséria em que estou caído, quero-me ir para meu pai. — Para meu pai? — toma-lhe a palavra da boca S. Pedro Crisólogo, e argüi contra ele assim (6): *Ad Patrem meum? Qua spe? Qua fiducia? Qua confidentia?* A teu pai, dizes, filho ingrato, descomedido, perdido? A teu pai, dizes, a quem quiseste herdar antes da morte? A teu pai, a quem deixaste, e de quem fugiste, como se fora inimigo? A teu pai, a quem afrontaste com tantas vilezas, tão indignas da nobreza de teu nascimento? *Qua spe?* Como esperas que te há de reconhecer? *Qua fiducia?* Como crês que te há de admitir? *Qua confidentia:* Como confias que te não há de lançar de si? *Ea qua pater est* — responde o santo. A esperança com que isto espera, a fé com que isto crê, a confiança com que isto confia, não é outra, senão o ser pai. *Ea qua pater est.* É pai? Pois, ainda que o Pródigo não traga semelhança do que dantes era, há-o de reconhecer. E pai? Pois, ainda que seja indigno de entrar em sua casa, há-o de recolher. E pai? Pois, ainda que tenha faltado às obrigações do nascimento e do sangue, há-o de meter nas entranhas. É pai?

Pois, ainda que tenha deixado de ser filho, ele não há de deixar de ser pai: *Ego perdi quod erat filii, tu quod patris est non amisisti.* — E uma causa tão contingente, tão improvável, tão desesperada, quem a há de vencer? Um advogado — diz Crisólogo — não estranho, nem de fora, senão tão natural e tão de dentro que o mesmo pai o tem no peito: *Apud patrem non intercedit extraneus: intus est in patris pectore ipse qui intervenit et exorat, affectus.* — E um advogado mudo, mas mais eloqüente que Túlio nem Demóstenes; um advogado que, sem falar, ora; que, sem arrazoar, persuade; que, sem alegar, convence; que, sem interceder, consegue; que, sem rogar, manda; que, sem julgar, sentencia, e sempre absolve. E quem é, ou como se chama este advogado? Amor de pai: *Intus, intus est patris pectore, ipse qui intervenit et exorat, affectus.*

Mas donde concebeu aquele moço esta fé, e donde fundou em matéria tão duvidosa uma tão firme esperança? Fundou-a nas experiências passadas do mesmo amor, o qual em quem é pai não passa, nem se muda, nem enfraquece, sempre é o mesmo.

Pedira ele ao pai que o herdasse em sua vida e lhe desse a parte dos bens que lhe pertencia ou havia de pertencer. E que fez o pai? Deu-lhe o que verdadeiramente ano devia, e fez, segundo parece, o que não devera. Porque a um moço tão inimigo da sujeição, tão apetitoso da liberdade, e de tão pouco juízo, e tão verde que, não levando em paciência a larga vida do pai, não soube dissimular a impiedade deste desejo, e porque não lhe podia apressar a morte, quis antecipar a herança, que outra coisa era meter-lhe nas mãos a fazenda, senão armá-lo contra a virtude e contra a honra, dar-lhe poder e matéria para os vícios, e pô-lo na carreira da perdição? Pois, se todas estas razões tinha o pai para lhe negar o que pedia, por que lhe fez a vontade em tudo? Porque era pai, diz o mesmo santo: *Patris est non negare.* O amor não sabe negar. — E porque o amor de pai é o maior amor, nem soube, nem pôde, nem teve coração para negar ao filho o que lhe pediu. E como ele tinha experimentado no amor do pai que não bastaram tantas razões para lhe negar o que então pedira, por isso também agora teve confiança que não seriam necessárias razões para lhe conceder o que esperava. Quem, tendo razões para negar, não negou, para não negar e conceder, não há mister razões. Como se dissera o moço, já sisudo e entendido: — Muita razão tem meu pai para me não admitir em sua casa; muita razão tem para me não ver nem consentir em sua

presença; muita razão tem para me não conhecer, antes para me negar de filho; razão pelas minhas ingratidões, razão pelas minhas loucuras, razão pelas minhas vilezas, razão pelas minhas intemperanças; mas, sobre todas estas razões, está a razão de pai. Contra esta razão não há razão. E esta é a que me anima, esta a que me dá confiança: *Ibo, ibo, ad patrem meum*.

Agora nos digam todos os padres e expositores: este pai e este filho que são? O pai é Deus o filho somos nós. E, para que nós entendêssemos que a mais alta prefação e o mais sublime exórdio com que podemos invocar a Deus, e o mais eficaz motivo que lhe podemos propor, e a mais poderosa razão que lhe podemos alegar, e o mais amoroso título com que lhe podemos conciliar a graça e render o coração, é o título, o motivo e a razão de pai, por isso na primeira palavra do Rosário o invocamos com o nome de Pai, e não como nas outras orações com os soberanos títulos de Deus ou Senhor. Deus, como Deus, é misericordioso e justo: mas, como Pai, é misericordioso sem justiça; Deus, como Senhor, é poderoso para perdoar, e para castigar: mas, como Pai, poderoso para o perdão, e não para o castigo; como Deus e como Senhor, enfim, pode negar e pode conceder: mas, como Pai, só sabe conceder, não sabe negar: *Patris est non negare*. Sendo, pois, tantas e tão grandes as petições que no Rosário apresentamos ao Consistório divino, acertado e acertadíssimo é o modo com que as fazemos, não debaixo dos títulos da majestade, senão do nome do amor, não como a Deus e Senhor, senão como a Pai. *Pater noster*. E para que saibamos a confiança com que devemos pedir a este soberano Pai, e o desejo que ele tem de lhe pedirmos, ouçamos ao mesmo Pai a maior coisa que se pode imaginar nesta matéria.

Fala Deus com seu próprio Filho, o Verbo Eterno feito homem, e diz assim: *Filius meus es tu; ego hodie genui te. Postula a me, et dabo tibi gentes haereditatem tuam* (Sl. 2, 7 s): Sois meu Filho, porque vos gerei hoje: pedi-me a vossa herança, que são todas as gentes do mundo, e eu vô-la darei. — Três coisas quando menos dignas de grande reparo contêm estas profundas palavras. Se Deus gerou seu Filho ab aeterno, como diz que o gerou hoje: *Ego hodie genui te?* — Se diz que a herança é sua: *haereditatem tuam* — como quer que ele lha peça: *Postula a me?* — E se diz que lha dará: *Et dabo tibi* — por que lha não dá sem a pedir? Tudo são demonstrações de quanto Deus, como Pai, deseja dar. Muito deseja dar quem pede que lhe peçam. Nós somos requerentes de Deus, para que nos dê; e Deus é requerente nosso, para que lhe peçamos.

Mas isto só o faz como Pai a filhos. O Filho que o Padre gerou *ab aeterno* era Filho a quem não podia dar, nem ele podia pedir, porque era Deus. Mas fez que esse Filho se fizesse homem. Para que? Para ter um Filho que, como homem, lhe pudesse pedir, e a quem ele; como Pai, pudesse dar. A ele deu-lhe a herança como a Primogênito, e a nós também no-la quer dar como a filhos segundos, mas com a mesma condição de que a peçamos. E não fora maior liberalidade dar sem esta condição, e sem esperar que pedíssemos primeiro? Não. Porque quer dar de tal modo, que não só satisfaça a sua vontade senão também o nosso desejo. Quem me dá o que não peço, mede a dádiva pela sua vontade; quem me dá o que peço, mede-a pela minha. Mais faz Deus. Mede pela minha vontade a sua, que é medida sem medida, porque quer, e se obriga a querer quanto eu pedir. Por isso quis o soberano Pai que pedíssemos, e por isso nos ensinou o Filho este modo de pedir a seu Pai.

El-rei Assuero ofereceu à rainha Ester que pedisse o que quisesse; mas esta largueza, ou de liberalidade, ou de amor, quando cuidou que a estendia então a limitou, porque dizendo: *Quid vis?* — acrescentou: *Etiam si dimidiam partem regni petieris, dabitur tibi* (Est. 5, 3): que ainda que pedisse a metade do seu reino, lho



daria. — Pouco dá, e pouco quer, quem do que tem e do que pode oferece só a metade. Não assim o Pai a quem pedimos, porque uma só partida do que quer que lhe peçamos nesta mesma oração do Padre-nosso não é a metade do seu reino, senão todo: *Adveniat regnum tuum* (Mt. 6, 10). Assuero era rei e esposo: enquanto rei, falou nele a liberalidade, e enquanto esposo o amor; e é tanto maior em Deus a liberalidade e amor de Pai que, quando a liberalidade de rei e o amor de esposo não chega mais que a prometer a metade do reino, a liberalidade e amor deste soberano Pai não da menos que todos. E notai que, quando lhe pedimos o reino, não dizemos que nos dê o seu reino, senão que o seu reino venha a nós. Por que? Porque pedimos como filhos a Pai, e o reino do Pai vem aos filhos. Esta é a razão porque diz o Pai que dará a sua herança ao Filho: *Dabo tibi haereditatem tuam*. A herança vem aos filhos, não lha dão os pais; pois, por que diz este Pai que dará ao Filho a sua herança? Porque é Pai imortal.

Quando os pais são mortais, a herança é pura herança, e vem por morte dos pais aos filhos. Mas quando o Pai é imortal, como Deus, a herança dos filhos é herança com propriedade de doação intervimos, e a doação do Pai é doação com propriedade de herança. Com propriedade de herança, porque de direito vem aos filhos; e com propriedade de doação, porque verdadeiramente a dá o Pai: *Dabo tibi haereditatem tuam*.

Só resta dentro no mesmo Padre-nosso uma objeção que, parece, desfaz claramente o que até agora dissemos. Dissemos que não alegamos a Deus outro título, nem outro motivo, nem outra razão da sua ou da nossa parte, senão somente o ser Pai; e na mesma oração do Padre-nosso pedimos a Deus que nos perdoe, assim como nós perdoamos; logo, ainda que da parte de Deus só lhe representamos o ser Pai, da nossa parte alegamos o perdão dos inimigos, que não é pequeno nem fácil merecimento. Tão fora está isto de ser objeção, que antes é maior confirmação do que digo. Supor o perdão dos inimigos não é alegação, é justificação. Ora vede. Para pedir aos príncipes da terra, não é necessário justificar primeiro o que na petição se alega? Sim. Pois, do mesmo modo, para pedir a Deus, a quem só alegamos o ser Pai, é necessário justificar também que ele verdadeiramente é Pai nosso, e nós filhos seus. E esta justificação só se prova com o perdão e amor dos inimigos. O mesmo Cristo o disse: *Diligite inimicos vestros, benefacite his qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est* (Mt. 5, 44 s): Amai a vossos inimigos; e fazei bem aos que vos querem mal, para que sejais filhos do vosso Pai, que está no céu. — De vosso Pai que está nos céus, diz, assim como nós dizemos: *Pater noster, qui es in caelis* (Mt. 6, 9).

— E esta é a razão por que em toda a oração do Padre-nosso, e em todo o Rosário, nenhuma outra coisa ou ação nossa deduzimos ou supomos, senão o perdão dos inimigos somente: *Sicut et nos dimittimus debitoribus nostris* — porque o nosso intento não é alegar algum título de merecimento da nossa parte, senão só justificar que Deus, a quem invocamos como Pai, verdadeiramente é Pai nosso, para que as petições que debaixo deste nome se seguem fiquem correntes e não saiam escusadas. Oh! Que boa advertência esta para todos os que rezam o Rosário! Quando começam dizendo *Pater noster*, suponham que o primeiro despacho é: justifique; e, se justificarem com o perdão e amor dos inimigos que estão em estado de filhos, então esperem confiadamente, que o Pai do céu que invocam lhes concederá tudo o que pedem.

## CAPÍTULO V

Segundo reparo: por que Cristo, dando o modo e a forma com que havemos de orar, diz que oremos dizendo Padre-nosso, e não Pai meu? A nobreza de nascimento e a paternidade de Deus. Alexandre Magno, filho de Júpiter. Se Cristo nos diz que não chamemos país aos pais da terra, que vêm logo a ser os que chamamos pais? Isaías e a diferença entre o Pai-Deus e os pais-homens. A nobreza de ser filho de Deus. S. Pascásio contra os idólatras da vaidade. O escrúpulo dos filhos de Jacó.

Guardem-se de dizer a Deus Padre-nosso, os que se estimam por mais nobres que os pequenos.

Esta é a primeira parte do modo com que presentamos nossas petições à majestade divina, não como a Deus, nem como a Senhor, senão como a Pai. A segunda parte, e não menos excelente, é que lhas não presentamos só como a Pai, senão como Pai nosso: *Pater noster*. O em que aqui reparo é em dizermos nosso, e não meu. Funda-se a dúvida não menos que nas palavras do mesmo Cristo quando ensinou o Padre-nosso, que são estas: *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum, et clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito; et Pater tuus, qui videt in abscondito, reddet tibi* (Mt. 6, 6): Tu, quando orares, entra no aposento mais secreto da tua casa, e com a porta fechada ora a teu Padre, e teu Padre, para cuja vista não há lugar oculto nem escondido, te dará o que lhe pedires. — Pois, se o mesmo Cristo uma e outra vez chama ao Padre, não nosso, senão meu: *Patrem tuum e Pater tuus* — por que razão, continuando o mesmo texto, e dando o modo e a forma com que havemos de orar, diz que oremos dizendo Padre-nosso: *Sic ergo vos orabitís: Pater noster, qui es in caelis* (Mt. 6, 9) — Deus é Pai nosso e de todos, porque é Pai de cada um; pois, se é Pai de cada um, por que não dirá cada um quando ora Pai meu, senão Pai nosso? Que digamos Pai nosso quando oramos em comum, assim pede a mesma comunidade que seja; mas quando ora um só em particular, por que não há de dizer Pai meu? Porque Deus, que assim o mandou, quer que oremos deste modo. Quer que em comum e em particular digamos sempre Pai nosso, para que, em comum e em particular, nos lembremos sempre que todos somos filhos de mesmo Pai: *Ut nemo applaudat sibi de notabilitate generis: omnes enim filii Dei sumus* — comenta Hugo Cardeal. Quer e manda Cristo que nos lembremos, quando oramos, que somos filhos do mesmo Pai-Deus, porque não haja algum tão ignorante, ou tão desvanecido, que pela chamada nobreza de sua geração cuide que é melhor ou mais honrado que os outros. Oh! Que altíssimo ponto este, e mais para os vossos pontos! Dizei-me, senhores, os que vos tendes por tais: quando tomais o Rosário na mão, e trazeis entre os dedos esta primeira conta, dizendo Padre-nosso fazeis a conta que Deus quer que façais, sem diferença de vós a qualquer outro homem?

Dir-me-eis que Deus não vos manda desconhecer a vossa qualidade, nem negar a vossa nobreza, e que, se todos somos iguais em ter a Deus por Pai, vós tendes de mais a nobreza dos pais de que nascestes, e que esta vos distingue e desigualda dos outros homens, e vos faz de melhor e muito superior condição. A resposta é muito própria do vosso entendimento, mas não muito digna da nossa fé. E esses pais, ainda que fossem reis e imperadores, podem entrar em consideração para fazer diferença com quem tem a Deus por Pai? Quisera chamar a isto gentilidade, mas nem a resposta merece tão pequena censura, nem os gentios tamanha afronta. Gentio era Alexandre Magno, e, soberbo com os sucessos daquela sua grande fortuna, querendo ser tido e adorado por Deus, que fez? Intitulou-se filho de Júpiter, e



mandou que ninguém dali por diante o nomeasse por filho de Filipe. E este Filipe, quem era? Não só era rei de Macedônia, mas o mais insigne rei que os macedônios nunca haviam tido; grande amplificador do seu império, famoso conquistador de muitos reinos e províncias, e tão celebrado por seus heróicos feitos em armas, que o mesmo Alexandre invejava suas vitórias e as festejava com lágrimas.

Pois, de um rei tão grande, tão poderoso, tão temido e respeitado na Grécia, tão famoso e celebrado em todo o mundo, se despreza Alexandre de ser filho, e não quer ser conhecido nem nomeado por tal? Sim. E obrara muito contra a razão se assim o não fizera quando se intitulava filho de Júpiter. Quem se chama filho de Júpiter, e tem a Júpiter por pai, todos os outros títulos que por qualquer via lhe compitam, por maiores e mais reais que sejam, mais são para o desprezo que para a estimação, mais para o esquecimento que para a memória, mais para o silêncio que para a jactância. Até entre os gentios, e no gentio mais soberbo, quem tem a Deus por Pai não toma na boca outros pais. E se isto era conforme à razão, onde o Deus-pai era tão falso pai como falso Deus, que será onde o verdadeiro Deus é o verdadeiro Pai? Não só é falta de fé, senão de entendimento e juízo.

Mas, vamos à fé, e ouçamos o que ensina sobre este ponto o mesmo Mestre divino, autor do Padre-nosso e comentador dele: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in caelis est* (Mt. 23, 9): Não queirais — diz Cristo — chamar pais aos da terra, porque só tendes um Pai, que está no céu. — Grande e admirável sentença, e que, parece, diz mais do que diz, dizendo muito mais do que parece. Cristo, que isto ensina, não é o mesmo Deus que nos manda honrar os pais? Sim. Pois, se os manda honrar, como diz que lhes não chamemos pais? Havemos de lhes dar a honra, e tirar-lhes o nome? Assim o mostra a razão que o mesmo Senhor acrescenta: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est*: Não chameis pais aos da terra, porque só o do céu é vosso Pai. — Logo, se só o do céu é nosso Pai, a ele só devemos dar o nome de Pai, e a nenhum outro. E se não pergunto: muitos que puderam ser pais, e o desejam ser, por que o não são? Porque Deus, como respondeu Jacó a Raquel, é o que dá os filhos, e também para que esses mesmos que não são pais conheçam que o ser que têm o não devem a seus pais, senão a Deus. Que vêm logo a ser os que chamamos pais, pois não são eles, senão Deus o que nos dá o ser? Vêm a ser uma estrada geral, ordenada pelo mesmo autor da natureza, por onde passa o ser que ele nos dá. Profunda e elegantemente S. João Crisóstomo: *Non initium vitae habemus a parentibus, sed transitus vitae per eos accipimus*: O princípio do ser que temos não sai nem vem dos pais, porque todos o recebemos de Deus, passado somente por eles: *Sed transitus vitae per eos accipimus* (7). — Vem a ser propriamente o nosso ser como as águas que enchem e fazem os rios. O Nilo ou o Tejo não devem as suas correntes às terras por onde passam, senão à fonte donde nasceram. Assim nós entramos neste mundo passados pelos pais da terra, ou pela terra dos pais; a fonte, porém, donde trazemos o ser é só o Pai do céu: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est*. — Oh! que alto nascimento, e que grande obrigação, mas que mal guardada! Por isso, em vez de sabermos à fonte, sabemos à terra.

Ainda sondou este pego, e lhe achou maior fundo o profeta Isaías. Fala em nome do povo de Israel, e pede a Deus que use com ele de suas antigas misericórdias, de que, parece, estava esquecido, e alega desta maneira: *Tu enim Pater noster, et Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos* (Is. 63, 16): Porque vós, Senhor, sois nosso Pai, e Abraão e Jacó não nos conheceram. Todo aquele povo de nenhuma coisa mais se prezava que de serem filhos de Abraão e Jacó; pois, como agora dizem que só Deus é seu Pai, e não Abraão nem Jacó, e a razão com que o

provam é que nem Abraão nem Jacó os conheceram: *Abraham nescivit nos, et Israel ignoravit nos?* — Falou Isaías altissimamente, e alegou a maior e mais interior diferença que há entre o Pai Deus e os pais-homens. Deus conhece aqueles a quem dá o ser: os homens, ainda que lho dessem, não os conhecem. Conhecem os filhos depois de nascidos, mas antes de gerados não; e quem me faz o benefício sem me conhecer, não mo faz a mim, pouco lhe devo; não foi eleição, foi caso. Tanto assim que por isso nascem a muitos pais tais filhos que antes tomaram que não fossem seus. E como Abraão e Jacó não conheciam os filhos que deles nasceram, e Deus sim, essa é a diferença altíssima por que alega Isaías que só Deus é o seu Pai, e não Abraão nem Jacó. Logo, do mesmo modo também nós só devemos reconhecer por pai ao Pai do céu, que nos deu o ser e nos conheceu, e não chamar pais aos da terra, que nem no-lo deram nem nos conheceram; e isto é o que soam as palavras de Cristo: *Patrem nolite vocare vobis super terram: unus est enim Pater vester, qui in caelis est* (8).

Por isso eu disse que esta sentença parecia que diz mais do que diz, dizendo mais do que parece, como agora veremos. Não diz Cristo, Senhor nosso, nem quer dizer que neguemos aos que nos geraram o nome de pais; só diz, e só quer dizer, que esses pais não os tragamos sempre na boca, como muitos fazem, prezando-se e jactando-se deles, e cuidando que por este acidente, que não é da natureza, senão da fortuna, são melhores e mais honrados que os outros homens. A demonstração com que o Senhor convence a vaidade deste pensamento é manifesta: *Unus est enim Pater vester, qui in caelis est.* — Não vos jacteis dos pais da terra, porque o vosso Pai do céu é um só. — São três razões em três palavras: por ser Pai, por ser do céu, por ser um. Se é Pai que verdadeiramente vos deu o ser, por que vos haveis de prezar dos que chamais pais, e vo-lo não deram? Se é do céu, e é Deus, por que vos não haveis de gloriar mais de ser seus filhos, que dos pais da terra, que são homens? E se é um só Pai de todos, por que vos não haveis de estimar e honrar todos com amor e igualdade de irmãos?

Esta última é a principal consequência que o Senhor pretendeu persuadir, porque a inferiu tendo dito: *Omnes autem vos fratres estis* (9). Pois, se todos somos irmãos e filhos do mesmo Pai, e tal Pai, que fundamento tem ou pode ter a soberba, para um cristão desprezar a outro cristão, e se reputar ou inchar de mais bem nascido? Responde a mesma soberba que, se o Pai do céu é um, os pais da terra são muitos, e de mui diferentes fortunas, como se Cristo, que disse: *Unus est Pater vester* — não soubera esta distinção. Mas nenhum caso fez dela, porque todas essas fortunas, nem por altas, nem por baixas, podem acrescentar ou diminuir nobreza em quem é filho de Deus. Ponde em uma balança de uma parte a Deus só, e da outra a Deus e todo o mundo, e perguntai a Santo Tomás qual pesa mais? Tanto pesa uma como outra: porque todo o mundo e mil mundos juntos a Deus, em respeito de Deus só, nem acrescentam peso, nem fazem maioria. O mesmo passa no nosso caso.

Tanta nobreza é ser filho de Deus somente, como ser filho de Deus e do maior monarca do mundo. Tão nobre é João, filho de Deus e de um pescador, como o imperador Arcádio, filho de Deus e de Constantino Magno. Cuidar alguém o contrário, não só é ignorância e loucura, mas falta ou desprezo da fé.

Ouçam a S. Pascásio estes idólatras da vaidade: *Si vera fide haec paternitas veneretur et amaretur, nunquam fraternitas carnis amplius valeret apud aliquos, sed praeferrent nobilitatem ex Deo, darentque operam, ne degeneres existerent, et tanto parente indigni propter vetustatem carnis* (10): Se os cristãos creram com verdadeira fé, e estimaram como devem o que é ter a Deus por Pai, de nenhum

modo desprezariam aos que, por este soberano parentesco, são seus irmãos; mas, porque muito se prezam mais da geração dos pais da terra, por isso são e se fazem indignos de ser filhos do Pai do céu. De sorte que desses que vós desprezais é Deus Pai, e vós, porque os desprezais, deixais de ser filhos. É Pai seu, mas não é Pai vosso. Então, ouvir a estes rezadores cegos com o Rosário na mão: *Pater noster, qui es in caelis* — desprezando eles no mesmo tempo aos filhos do mesmo Pai! Isto não é rezar o Padre Nosso, é brasonar os padres vossos. É ofender, é injuriar, é afrontar o Pai do céu, pois vos prezais mais dos pais da terra. Se o fim por que Cristo nos ensinou a dizer *Pater noster* foi para todos, como filhos do mesmo Pai, nos estimássemos e honrássemos como irmãos, os que os não tratam nem estimam como tais, como podem dizer Padre nosso? Não podem. E vede se o provo. Morto Jacó, vieram a José seus irmãos, e disseram-lhe desta maneira: *Pater tuus praecepit nobis antequam moreretur, ut haec tibi verbis illius disceremus: Obsecro ut obliviscaris sceleris fratrum tuorum, et peccati atque malitiae quam exercuerunt in te* (Gen.50, 16 s): Vosso pai, antes de morrer, nos mandou vos disséssemos em seu nome que ele vos rogava muito vos não lembrásseis do mal que vos tinham tratado vossos irmãos, e lhes perdoásseis. — Reparai, se já não tendes reparado, na palavra *pater tuus*, vosso pai. Jacó igualmente era pai de José, e de todos os outros irmãos que lhe davam o recado em seu nome, pois, se era pai de José, e também pai seu deles, por que não dizem nosso pai, senão vosso pai: *pater tuus*? Porque estes mesmos irmãos tinham tratado a José tão indignamente, como sabemos; e irmãos que não estimam nem honram a seus irmãos como devem, ainda que sejam filhos do mesmo pai, não podem chamar a esse pai nosso. Por isso não disseram *pater noster*, senão *pater tuus*.

Oh! Soberba! Oh! Pouca cristandade! Oh! Falta grande de fé! Oh! Ignorância intolerável da lei e verdade que professamos!

Os grandes, que se estimam por mais nobres que os pequenos, os senhores, que se têm por mais honrados que os seus escravos, os mesmos reis, que cuidam que são melhores que o menor de seus vassalos, guardem-se de dizer a Deus Padre nosso. Se querem que Deus se não ofenda, e os ouça, desçam-se primeiro desse pensamento, que na maior alteza é altivo, reconheçam a todos por irmãos e por seus iguais na nobreza, como filhos do mesmo Pai, porque este é o foro em que Cristo nos igualou a todos, quando a todos, sem diferença, nos mandou dizer: *Pater noster*. E por que não pareça que ao menos os reis, pela soberania do seu estado, podem ser exceção desta regra, ouçam o que pregava S. João Crisóstomo aos imperadores em Constantinopla, explicando-lhes o Padre-nosso, e ensinando-os como o haviam de dizer: *Unam regis cum paupere aequalitatem honoris ostendit; cunctis enim unam, atque eandem nobilitatem donavit Deus, cum dignatus est Pater omnium vocari* (11): Quando Deus nos concedeu a todos que igualmente o invocássemos com nome de Pai nosso, juntamente nos deu tal igualdade de honra e de nobreza a todos, sem diferença alguma, que tão nobre e tão honrado é o pobre que pede esmola pelas portas, como o rei que esta assentado no trono e com a coroa na cabeça: *Unam regis cum paupere aequalitatem honoris ostendit: unam eandemque nobilitatem cunctis donavit*. — Para que, finalmente, se veja se foi altíssimo modo de orar o com que Cristo ajuntou o *noster* ao *Pater*, pois, sem abater a alteza dos príncipes soberanos, a que o mundo chama baixeza, levantou e sublimou a mesma baixeza à igualdade dos mesmos príncipes, e tudo isto com uma só palavra: *noster: Extollens vocem*.

## CAPÍTULO V

Segunda consideração: as petições que fazemos a Deus. Pedir que seja feita a vontade de Deus assim na terra como no céu, e pedir o impossível? A esta objeção responde-nos o mesmo Mestre Divino, exortando-nos a que sejamos perfeitos como o Padre celeste e perfeito. Diferença entre fazer Deus a sua vontade, e ser feita a vontade de Deus. Em que há de ser feita a vontade de Deus? A vontade de Deus mais áspera de sofrer e de mais dificultosa conformidade. Como aceitam os anjos no céu as vontades de Deus? Em que consiste a semelhança civil da terra com o céu? Cristo, no Padre-nosso, não só nos ensinou o fazer a sua vontade, senão também o modo de a fazer.

Passando à segunda consideração, que é das petições que fazemos a Deus, nelas mais claramente ainda parece que excedemos o equilíbrio ou meio proporcionado e justo em que consiste o modo, porque em umas pedimos muito mais e em outras muito menos do que devemos pedir.

Quanto às primeiras, seja exemplo aquela que compreende a todas, na qual pedimos a Deus que seja feita a sua vontade assim na terra como no céu; e este modo de pedir, quem não vê que é fora de todo o modo? Se disséramos somente: *Fiat voluntas tua* — e paráramos ali, entender-se-ia que desejávamos e pedíamos a Deus que se fizesse a sua vontade na terra, segundo a fraqueza da terra de que somos compostos, e segundo o estado da terra em que vivemos ou em que lutamos dentro e fora de nós, com as misérias da mesma vida; porém, dizer e acrescentar que seja feita a vontade de Deus *sicut in caelo, et in terra* (Mt. 6, 10): assim na terra como, no céu — é pedir o que se não pode pedir, nem se pode desejar, nem pode ser. O céu não só é incapaz de pecado, mas nem ainda da menor imperfeição; todos lá fazem a vontade de Deus — perfeitissimamente, vendo ao mesmo Deus, e revendo-se na mesma vontade, e esta é a melhor parte da sua mesma bem-aventurança. Pelo contrário, na terra, nem ainda os maiores santos e confirmados em graça estão livres de imperfeições e de alguns pecados leves, próprios da fragilidade humana, por onde disse S. João, sendo, ele o que mais amou e o mais amado de Cristo: *Si dixerimus quoniam peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, et veritas in nobis non est* (12). A razão desta diferença é porque Deus no céu é amado por vista, na terra é amado por fé, e a vista necessita a vontade, a fé deixa livre o alvedrio. Logo, se na terra nem se faz, nem se pode fazer a vontade de Deus, como no céu, pedir que se faça na terra como no céu e pedir o impossível.

A esta objeção só pode satisfazer o mesmo Mestre divino, que nos ensinou a dizer *sicut in caelo, et in terras e responderá a um sicut com outro sicut*. Exortando-nos Cristo, Senhor nosso, à perfeição que deseja nos observadores da sua lei, diz que sejamos perfeitos assim como o Padre celestial é perfeito: *Estote ergo perfecti, sicut et Pater vester caelestis perfectus est* (Mt. 5, 48). Já vedes como um *sicut* responde ao outro. Mas, se a perfeição do Eterno Padre é infinita e imensa, e a nossa, ainda que fôssemos anjos, por mais alta e excelente que seja, sempre é de criaturas, e, por isso, finita e limitada, como nos propõe o Senhor por exemplar de nossas ações, não outra perfeição menor, senão a do mesmo Padre, e diz que sejamos perfeitos como ele é perfeito? Porventura houve jamais ou é possível haver criatura que possa chegar, nem de muito longe, não digo à igualdade, mas nem ainda à semelhança de tão inacessível perfeição? Claro está que é impossível; mas propõe-nos Cristo um exemplar impossível, quando nos exorta à imitação dele, para que, aspirando ao impossível, venhamos a conseguir o possível. Bem sabe o soberano Artífice que nos fez o que podemos com sua graça, e por isso nos exorta

ao que não podemos, para que cheguemos ao que podemos. E se isto tem lugar na comparação do homem a Deus: *sicut Pater vester* — quanto mais na comparação da terra ao céu: *sicut in caelo, et in terra?* O que importa é que nós digamos deveras: *Fiat voluntas tua*.

Não falta, porém, quem argua esta petição ao menos de supérflua e ociosa. Deus, assim no céu como na terra, sempre fez, e faz, e há de fazer o que quer: *Omnia quaecumque voluit Dominus fecit, in caelo et in terra* (13) — logo, supérflua coisa é, inútil e ociosa, pedir a Deus que faça a sua vontade, pois ele há de fazer sempre, ainda que nós não queiramos nem lhe peçamos que a faça. Muito me admira que tenha grandes autores esta réplica, e tão grandes, que por sua autoridade os não nomeio. Nós não pedimos a Deus que faça a sua vontade: pedimos-lhe que seja feita: *Fiat voluntas tua*. — E que mais tem ser feita a vontade de Deus que fazer Deus a sua vontade? Muito mais. Porque o que não pode fazer a vontade de Deus fazendo, faz sendo feita. E pensamento profundíssimo de S. Bernardo, e o prova com a criação e bem-aventurança dos anjos: *Voluntas Domini, quae prius angelos creavit, faciens eosdem, postmodum in eis facta beavit* (14): A vontade de Deus, que, fazendo os anjos, os fez anjos, sendo feita neles, os fez bem-aventurados. — De sorte que a vontade de Deus, fazendo, pôde fazer anjos; mas, fazê-los bem-aventurados, não o pôde fazer fazendo, senão sendo feita: *Faciens creavit angelos, facta beavit*. — A razão é porque, para uma criatura racional ser, é necessário que a vontade de Deus a faça; mas, para ser bem-aventurada, é necessário que ela faça a vontade de Deus. Criou Deus no céu a Lúcifer e criou a Miguel que foram as duas obras da mão divina as mais nobres, as mais excelentes, as mais parecidas com seu próprio Artífice, e as mais enriquecidas de todos os dotes e graças da natureza, que no teatro das jerarquias se extremaram sobre todas. Isto fez a vontade de Deus fazendo. E sendo feita, ou não feita, que fez? Não sendo feita, fez que Lúcifer, que havia de ser bem-aventurado, fosse o maior demônio; e, sendo feita, fez que Miguel, que também pudera ser demônio, fosse o maior bem-aventurado. Por isso pedimos a Deus, não que faça a sua vontade, senão que seja feita: *Fiat voluntas tua*.

E em que há de ser feita, ou em que pedimos que seja feita a vontade de Deus? Este é o ponto mais subido desta altíssima petição. Pedimos que seja feita a vontade de Deus em tudo quanto Deus quer ou pode querer, sem exceção, sem limite, sem réplica. No particular e no comum; no próprio e no alheio; no próspero e no adverso; no presente e no futuro; no temporal e no eterno. S. Paulo distingue na vontade de Deus três vontades: uma boa, outra melhor, outra perfeita: *Quae sit voluntas Dei bona, et beneplacens, et perfecta* (15). Com a vontade boa quer Deus o que manda; com a vontade melhor quer o que aconselha; com a vontade perfeita quer o que nem aconselha, nem manda, mas, ou o executa por si, ou o permite por outros; e a todas estas vontades se sujeita, e com todas se conforma quem diz: *Fiat voluntas tua*.

Na lei velha só um homem achou Deus que fizesse todas as suas vontades, que foi Davi: *Inveni virum secundum cor meum, qui faciet omnes voluntates meas* (16). Na lei da graça quer Deus que todas as suas vontades as façamos todos. Todos e todas por árduas, por dificultosas, por encontradas que sejam. Uma vez quer Deus o gosto, outra o desgosto; uma vez quer a riqueza, outra a pobreza; uma vez a honra, outra a afronta; uma vez o aplauso, outra a perseguição; uma vez a bonança, outra a tempestade; uma vez a fortuna, outra a fome; uma vez a saúde, outra a doença; uma vez a vida, outra a morte. E assim como todos estes encontros



se conciliam na vontade de Deus, donde saem, assim quer se recebam sem repugnância na nossa, onde todos se aceitam. Se sois pai, e quer Deus tirar-vos o filho mais amado, como Isac a Abraão: *Fiat voluntas tua*. — Se sois esposo, e vos quer Deus levar a companhia mais estimada e a prenda mais querida, como Raquel a Jacó: *Fiat voluntas tua*. — Se sois rei, e vos quer Deus privar da própria coroa, e pelo instrumento mais injusto e mais ingrato, como a Davi por Absalão: *Fiat voluntas tua*. — Se sois valente e famoso nas armas, antes, o milagre da valentia, e vos quer Deus entregar fraco, manietado e afrontado nas mãos de vossos inimigos, como Sansão: *Fiat voluntas tua*. — Se sois, finalmente, homem, e muito grande no mundo, e não só vos quer Deus tirar o poder, a grandeza e a majestade, senão a mesma figura humana, e uso dela, e que pasteis entre os brutos, como Nabucodonosor: *Fiat voluntas tua*.

Pode Deus ainda querer mais? Sim, pode. Pode querer que todos esses trabalhos, todas essas penas, todas essas dores que, divididas, atormentariam mortalmente muitos homens, se ajuntem todas em vós; e padecendo essa vida pior que a morte, ou vivendo essa morte bastante a tirar mil vidas, que haveis de fazer ou dizer? *Fiat voluntas tua*. Outros, creio, se contentariam com isto, e parariam aqui; mas para mim ainda entre as vontades de Deus há uma que mais fere e mais penetra o coração, mais rigorosa e mais áspera de sofrer, e de mais dificultosa conformidade. E qual é? A que Judas Macabeu antepôs à vida, e julgou por mais dura de tolerar que a morte: *Melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostrae* (1 Mac. 3, 59): Melhor é — disse aos companheiros — morrer na guerra, que viver e ter vida nem vista para ver os males e calamidades da pátria, e as afrontas e abatimentos da nossa nação. — Oh! Ânimo verdadeiramente leal, fiel, generoso, heróico! Mas, se suceder, e Deus quiser que a pátria se abraça, como Tróia, que se confunda, como Babilônia, que se subverta, como Nínive, que não fique nela pedra sobre pedra, como Jerusalém, e que se sepulte uma, duas e três vezes debaixo de suas ruínas, como Roma, ainda no tal caso, responde o generoso macabeu, não desmaiara nem cairá o meu coração, porque ficará em pé a vontade divina: *Sicut autem fuerit voluntas in caelo, sic fiat* (17).

Tanto como isto quer dizer, e tanto como isto dizemos no Padre-nosso quando dizemos: *Fiat voluntas tua*. Mas ainda não chegamos mais que à metade da petição. E bastará que todos estes males, todas estas calamidades particulares e públicas, nossas e de todos, as levemos com paciência, as soframos com constância, as aceitemos com conformidade na vontade de Deus? Não basta, porque ainda quer e diz mais o mesmo Deus: *Sicut in caelo, et in terra*: A minha vontade há-se de fazer ou ser feita na terra, assim como se faz e é feita no céu. — Como se vêem desde o céu, e como se recebem e aceitam lá todas essas calamidades do mundo? Não só com perfeitíssima conformidade, senão com suma alegria. Rebelou-se Lúcifer no céu, e levou consigo ao inferno toda a sua parcialidade dos espíritos apóstatas. E que sentimento causou nos outros anjos a infelicidade de tão estranha e universal ruína? Todas as três jerarquias ficaram desfeitas, e todos os nove coros diminuídos, não menos que na terceira parte; mas na glória e alegria dos anjos obedientes à vontade divina, nenhuma diminuição nem mudança houve: tão gloriosos e tão alegres continuaram a cantar os louvores de Deus, como agora o fazem e farão eternamente. Como Eva, pecou Adão, e foram ambos lançados do paraíso da terra, criado para restauração das cadeiras do céu; e os anjos da guarda, particularmente do mesmo Adão e da mesma Eva, que demonstração fizeram por aquela desgraça? Se eles não foram os mesmos querubins, que com montantes de fogo lhes proibiam a entrada do paraíso, tanta foi



a alegria em que perseveraram na perda dos seus recomendados, como se eles se tivessem conservado na felicidade em que lhes foram entregues. Todos os reinos e impérios, como consta do profeta Daniel, têm seus anjos tutelares, que os assistem, governam e defendem. Passou, pois, o império dos assírios aos persas; e que fez o anjo tutelar dos assírios? Passou o império dos persas aos gregos; e que fez o anjo dos persas? Passou o império dos gregos aos romanos; e que fez o anjo dos gregos? Passa, finalmente, o império dos romanos — que ainda se não sabe para onde — não aparecendo já dele mais que a sombra, nem se ouvindo mais que o nome, e que fez o anjo dos romanos? Todos se alegram igualmente nestas ruínas, como se alegravam no maior auge de suas felicidades, porque na vontade de Deus, a quem estão vendo, vêem também todo o motivo da sua perpétua alegria. Maior caso ainda. Todas as espécies de criaturas que nascem, ou vivem, ou se movem, ou se não movem na terra, têm seus anjos particulares, a quem incumbe o cuidado de sua conservação. Mandou Deus sobre o mundo o dilúvio universal, em que todos os homens pereceram, e todas essas criaturas se destruíram; e quando parece que só os anjos da guarda de Noé e seus filhos haviam de ficar triunfantes e alegres, e todos os mais desconsolados e tristes, tão universal foi a alegria em todos os anjos, como o castigo em todos os homens. Não vos parece muito tudo isto, e mais que muito? Pois nada tenho dito até agora. Padece Cristo os maiores tormentos e afrontas, morre, finalmente, pregado em uma cruz, e, posto que o céu, por esta parte inferior, se cobriu de luto, eclipsando-se o sol, na parte de cima, que é a do empíreo, que sentimento fizeram os anjos vendo morrer a seu Deus? Oh! Assombro! Oh! prodígio nunca imaginado da conformidade com a vontade divina! Morre Deus, e sendo os anjos as criaturas que melhor entendem e mais o amam, nem por um só momento cessaram então as festas e cantares dos mesmos anjos, tão alegres na morte de seu Criador como no seu nascimento, tão alegres no seu enterro, como na sua ressurreição.

Isto é, nem mais nem menos, o que significa no Padre-nosso, sobre a primeira parte da petição: *Fiat voluntas tua* — a segunda é mais sublime: *Sicut in caelo, et in terra*. — Se tudo quanto acontece ou pode acontecer no mundo, por adverso, por terrível, por lastimoso e triste que seja, nenhum abalo faz no céu, e não só se aceita lá sem dor, senão com igual e constante alegria; o mesmo professamos nós, e para o mesmo nos oferecemos a Deus, se com verdade lhe dizemos que seja feita a sua vontade assim na terra como no céu. Tanto assim, diz S. João Crisóstomo, que, por força destas palavras, nos manda Cristo que antes de irmos ao — céu tragamos o céu a nós, e façamos da terra céu: *Antequam ad caelum perveniat, ipsam terram jussit fieri caelum, per hoc quod dicit; Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra* (18). — E por que não pareça este pensamento demasiadamente encarecido, ainda tenho em prova dele outro melhor autor e outro melhor João que Crisóstomo. S. João Evangelista, no seu Apocalipse, diz que viu um céu novo e uma terra nova, e que a cidade do céu descia à terra: *Vidi caelum novum et terram novam, et sanctam civitatem Jerusalem novam descendentem de caelo* (19). Mas, como pode isto ser? Há Deus de mudar a arquitetura e fábrica do céu e da terra, e trocar-lhes os lugares? Não, dizem todos os expositores, e o puderam provar do mesmo texto, porque, quando S. João viu descer o céu à terra, não lhe chama céu, senão cidade: *Vidi civitatem* — para mostrar que havia de descer, não localmente, senão civilmente. Não localmente, porque o céu não havia de mudar de lugar passando à terra, mas civilmente, porque a terra havia de mudar de costumes, vivendo-se na terra como no céu. E esta semelhança civil da terra com o céu em que consiste? O mesmo evangelista o declarou: *Et absterget Deus omnem*

*lacrymam ab oculis eorum: et mors ultra non erit, neque luctus, neque clamor, neque dolor erit ultra* (20). Nesta cidade descida do céu à terra, ainda que haja trabalhos, misérias, enfermidades, mortes, haver-se-ão contudo nela os homens como se nada disto lhes tocara, porque não haverá dor, nem queixa, nem tristeza, nem lágrimas. E terra onde todas as causas de dor se recebem sem dor, e todas as causas de tristeza, com alegria, já não é terra como terra, senão terra como céu: *Sicut in caelo, et in terra*. — Tanta é a virtude davontade de Deus, quando a nossa se conforma com a sua: *Fiat voluntas tua*.

Agora, perguntara eu aos devotos do Rosário, ou aos que cuidam que o são, como rezam o Padre-nosso, e como dizem a Deus: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra*? Primeiramente, se dizem isto os que não fazem a vontade de Deus nem guardam sua lei, é falsidade, é hipocrisia, é mentira. Tão longe estão de fazer a vontade de Deus como se faz no céu, que nem a fazem como se faz no inferno. No inferno também se faz a vontade de Deus, não por vontade, mas por força. E quantos há que nem por vontade nem por força fazem a vontade de Deus na terra? Estes, se falaram verdade, haviam de dizer a Deus: Faça-se a minha vontade, e não a vossa. Mas ainda aos timoratos, e que vivem cristãmente, fizera eu a mesma pergunta. Vos os que fazeis na terra a vontade de Deus, como o fazeis? Como a fazeis, digo, porque o que Cristo principalmente nos ensinou no Padre-nosso, não é só fazer a sua vontade, senão o modo de a fazer: *sicut*. Se a fazeis por temor da pena, e por não ir ao inferno, isso não é fazer a vontade de Deus — *sicut in caelo, et in terra* — porque no céu não há temor do inferno. Se a fazeis pela esperança do prêmio, também não é fazer a vontade de Deus — *sicut in caelo et in terra* — porque no céu não se espera o prêmio, já se possui. Se a fazeis, finalmente, só por ver a Deus, que parece ato mais puro, nem esse chega a fazer a vontade de Deus como se faz no céu, porque lá todos vêem a Deus, e com segurança de o ver eternamente. Pois, como havemos de fazer a vontade de Deus, para que seja feita assim na terra como no céu?

Havemo-la de fazer assim como diz Davi que a fazem os anjos: *Benedicite Domino, omnes angeli ejus, potentes virtute, facientes verbum illius, ad audiendam vocem sermonum ejus* (21). Os anjos no céu fazem a vontade de Deus só por fazer a vontade de Deus, sem outro fim, sem outro motivo, sem outro interesse. E porque este modo de fazer a vontade divina não é impossível à vontade humana perfeitamente deliberada, por isso o mesmo Davi pedia a Deus o ensinasse a fazer a sua vontade deste modo: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es* (Sl 142, 10): Ensinai-me, Senhor, a fazer a vossa vontade, só porque vós sois Deus meu e porque a vossa vontade é vossa. E este é o modo altíssimo com que Cristo nos ensinou a dizer: *Fiat voluntas tua, sicut in caelo, et in terra*: não pedindo mais do que devemos pedir, mas levantando a voz da nossa oração ao ponto mais subido onde pode chegar: *Extollens vocem*.

## CAPÍTULO VI

Pedir a Deus o pão de cada dia não é afrontar a liberalidade de Deus? Em que parte do Padre-nosso se contêm as petições das outras vaidades, que são as que mais oradores e devotos têm no mundo? Onde pedimos a Deus que nos livre de todo o mal, ali oramos a Deus pelas riquezas, pelas dignidades, pela saúde, pela vida, pela sucessão. Pedir bem e pedir mal.

Desta maneira se contêm as pensões que fazemos a Deus no Rosário dentro dos limites do modo, sem o exceder por pedir mais. Agora vejamos como também se não desviam dele em o não igualar por pedir menos. A petição que logo se segue é: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie* (Lc. 11, 3): O pão nosso de cada dia nos dá hoje. — Mas, assim da parte de Deus, a quem pedimos, como da nossa, para quem pedimos, ninguém haverá que não julgue que diz esta petição muito menos do que devera. Pedir a Deus o pão de um só dia, e no mesmo dia, antes parece que é afrontar a sua liberalidade que acudir à nossa necessidade. A um Deus tão grande, tão poderoso, tão magnífico, a um Deus que se chama Deus, porque a sua natureza é dar, não é presumir indignamente de sua liberalidade e grandeza pedir-lhe tão pouco? Assim pede um mendigo às portas de um lavrador, mas tão baixa e tão escassa petição jamais a fez a seu rei o vassalo mais pobre. Se a nossa necessidade, como supomos e dizemos, é de cada dia, e por isso chamamos cotidiano ao pão que pedimos, que remédio ou que socorro é o que lhe procuramos, pedindo só para hoje, e não para mais dias? Anoitecer hoje sem pão, porque se acabou o pedido, e amanhecer amanhã sem pão, porque há de tornar a pedir, mais é viver da necessidade que sustentar a vida. Até à ordem da caridade parece que faltamos nesta e nas outras petições do Padre-nosso. A caridade bem ordenada começa de si mesmo, e em tudo quanto pedimos ninguém pede para si, senão para todos: *Panem nostrum, debita nostra, da nobis, dimitte nobis, ne nos inducas, tibera nos* (22). Isto é enervar a eficácia da oração, porque, quem pretende para si, procura com o afeto com que se ama a si, e a ninguém lhe dói tanto a dor de todos como a sua. Finalmente, para ver quanto menos pedimos do que devêramos, consultemos as petições sem-número de que estão importunados os altares, os tribunais, os príncipes, e todos os que podem dar, das quais todas no Padre-nosso não se diz nem se ouve uma só palavra.

Logo, é coisa evidente, e sem dúvida, que muito menos pedimos a Deus nesta sua oração, do que fora dela havemos mister e solicitamos por outras vias.

Contudo, é sentença comum de todos os doutores e santos padres que nenhuma coisa há que se possa pedir nem desejar a qual se não contenha nas petições do Padre-nosso: *Sapientissime in ea oratione collecta sunt omnia quae petenda et appetenda sunt* (23) — diz Abulense, aquele doutíssimo e eminentíssimo expositor das Escrituras, em cujos imensos escritos se não acha jamais exageração, senão o sentido próprio e liberal dos textos sagrados. O mesmo dizem Santo Tomás e S. Boaventura, laureados ambos com o caráter de doutores da Igreja, e o mesmo disseram muitos séculos antes deles S. Gregório Niceno, S. Cipriano, S. Pedro Crisólogo, Santo Agostinho, e antes do mesmo Agostinho, com toda a severidade do seu juízo, o grande Tertuliano. Mas, perguntara eu a estes doutores — que por isso aleguei tantos, e todos da primeira jerarquia — se nas petições do Padre-nosso se contém tudo o que se pode pedir e apetece, onde estão no mesmo Padre-nosso todas as outras coisas que os homens com tanto ardor apetece, com tanto desvelo solicitam, e com tanta instância e importunação pedem a Deus e aos homens? Não apetece honras? Não apetece riquezas? Não apetece dignidades seculares e eclesiásticas? Não apetece a saúde, a vida, a sucessão, a posteridade, e tudo o que faz a vida deleitosa, e a morte tolerável? E para alcançarem destas coisas, ou as que só pode dar Deus, ou as que podem dar Deus e os homens, não metem por intercessores os santos que ajudem as orações com que as pedem, e os mesmos sacrifícios do corpo de Cristo, que a esse fim oferecem? Em que parte, logo, do Padre-nosso se contém as petições destas coisas, que são as que mais oradores e mais devotos têm em todo o mundo?

Quem mais agudamente que todos apertou e resolveu este ponto, foi Santo Agostinho, o qual responde que, se oramos ou rezamos como convém, todas estas coisas, que tanto apeteçemos e pedimos, pertencem à última petição do Padre-nosso: *Sed libera nos a malo*. — Onde pedimos a Deus que nos livre de todo o mal, ali oramos a Deus por todas estas coisas (24).

Ouçamos ao lume da Igreja por suas próprias palavras: *Qui dicit in oratione: Domine, multiplica divitias meas, aut da mihi tantas quantas illi aut illi dedisti, aut honores meos auge, et fac me in hoc saeculo praepotentem, atque clarentem, etc. puto eum non invenire in Oratione Dominica, quo possit haec vota coaptare*: Aquele que pede na oração riquezas, honras, dignidades, mandos, e outras semelhantes vaidades que o mundo estima e tem por lustrosas, entendendo — diz Santo Agostinho — que em toda a oração do Padre-nosso não achará lugar em que possa acomodar e introduzir estes seus desejos e petições; mas eu lho darei, diz o santo. E qual é? *Quam ob rem pudeat saltem petere, quae non pudet cupere: aut si hoc pudet, et cupiditate vincit, quanto melius hoc petitur, ut etiam ab hoc cupiditatis malo liberet, cui dicimus: libera nos a malo*: A primeira coisa que aconselho — diz Agostinho — aos que tais coisas pedem, é que, pois se não envergonham de as desejar, ao menos se envergonhem de as pedir. Mas, se vencidos da cobiça e ambição as querem pedir contudo, apliquem às suas mesmas petições a última do Padre-nosso: *sed libera nos a malo* — e peçam a Deus que os livre desse mal.

Oh! Que mal conhecem os homens o mal, e quão erradamente o entendem! Pedem honras, e a honra foi a que enganou e destruiu o primeiro homem, e nele a todos: *Homo, cum in honore esset, non intellexit. Comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis* (25). Pedem riquezas, e quem perdeu ao filho pródigo pela prodigalidade, e ao rico avarento pela avaréza, e a todos pelo abuso delas? Por isso de todos, sem exceção, disse Cristo: *Vae vobis divitibus* (Lc. 6, 24): Ai de vós ricos! — Pedem dignidades seculares e eclesiásticas, das quais, só pelas pedir, são indignos. E quem foram os que condenaram e crucificaram ao mesmo Cristo, senão os que tinham as duas maiores dignidades eclesiásticas de Jerusalém, Anás e Caifás, e as duas maiores seculares, Herodes e Pilatos? Pedem saúde, sem advertirem que a chamada saúde é a mais perigosa enfermidade; e não sabem que o remédio com que Deus a cura, são as doenças, segundo o aforismo do mesmo Médico divino, declarado na receita de Jesabel: *Non vult poenitere a fornicatione sua: ecce mittam eam in lectum* (26). Pedem vida, sem reparar em que a felicidade da vida não está em ser larga, senão em ser boa, e que a vida é, e não a morte, a que leva os homens ao inferno, devendo entender que a morte antecipada é sinal da predestinação, e que costuma Deus encurtar aos que ama a vida temporal, porque lhes quer segurar a eterna: *Raptus est, ne malitia mutaret intellectum ejus. Placita enim erat Deo anima illius: propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum* (27).

Pedem, finalmente, filhos e sucessão, e não se lembram que o primeiro filho de Adão foi Caim, e o primeiro de Jacó, Rúben, e ambos a primeira causa de seus maiores desgostos. E para que vejam quão mal segura deixam a posteridade nestes reféns, Absalão e Roboão foram os dois maiores inimigos que tiveram seus pais, porque um tirou a coroa a Davi, e outro destruiu a casa de Salomão.

Assim que se não devem admirar, os que rezam o Rosário, de que Deus muitas vezes lhes não conceda o que pedem; porque, cuidando que pedem bem, pedem mal. É sentença expressa de fé, ensinada e publicada ao mundo pelo apóstolo S. Tiago: *Petitis, et non accipitis, eo quod male petatis* (Tg. 4, 3): Sabeis por que não alcançais o que pedis a Deus?

Porque vós pedis mal, e Deus não vos quer dar senão bem. — E esta é a razão por que o mesmo Senhor no Padre-nosso nos não ensinou a pedir nenhuma dessas coisas que vós *apeteceis e pedis*. Ainda que muitas delas sejam indiferentes, pedidas, porém, com o fim para que ordinariamente se pedem, verdadeiramente são mal. E não era razão que pedíssemos a Deus o mal, e muito menos na mesma oração em que lhe pedimos nos livre do mal. Por isso nos concede o que pedimos na sua oração, e nos nega o que pedimos nas nossas. Se no Padre-nosso pedimos que nos livre do mal, e fora do Padre-nosso pedimos o que verdadeiramente é mal e nos está mal, quem podia duvidar que, como Pai, nos há de conceder o que pedimos por seu conselho, e não o que pedimos por nosso apetite? Peçamos, pois, o que ele nos manda pedir somente, e não cuide ninguém que pede menos do que deve pedir, pois pede o que só lhe convém.

## CAPÍTULO VII

Em pedir o pão de hoje somente, pedimos como filhos, pois ao pai pertence o cuidado do pão de amanhã. Assim como ao pão semeado o afogam as espinhas, assim ao pão comido o não deixam digerir os cuidados. Como vemos no maná do deserto, parece que é propriedade do pão do céu ser pão de hoje. Como há de dar todos os dias quem dá tudo em um dia?

Medir o pão com a vida. Por que chamou S. Paulo ao hoje sobrenome do homem? Os homens de hoje, os homens de amanhã e os homens de nunca. A pobreza de Jó, advertência aos ricos. Última objeção: pedirmos para todos, e não cada um para si. Ninguém pede melhor para si que quem pede para todos. Zacarias, quando orou para si, não mereceu alcançar o que pedia, e quando orou para todos, mereceu alcançar o que não pedia. A oração de Abraão em favor de Sodoma e Gomorra.

Em pedir o pão de hoje somente, posto que seja ou pareça tão pouco, também não pedimos menos do que requer a necessidade de quem o há mister, nem a grandeza e liberalidade de quem o há de dar. Isto é pedirmos nós como filhos, e a Deus como Pai. Ao sustento do filho pertence o presente, à providência do pai o futuro. Mais nos dá Deus no pão de cada dia, que se no-lo dera para muitos dias, porque, dando-nos o sustento de hoje, nos livra do cuidado de amanhã. Não é pensamento meu, senão advertência que nos fez o mesmo Cristo: *Nolite solliciti esse in crastinum* (Mt. 6, 34). Se vos mando pedir só o pão de hoje, não vos dê cuidado o de amanhã, porque esse corre por minha conta. — O pão e o cuidado são duas coisas muito encontradas. O pão sustenta a vida: os cuidados a afligem, a diminuem, a tiram. E que partido pode estar melhor ao homem, que dar-lhe Deus a ele o pão, e tomar para si o cuidado? *Jacta super Dominum curam tuam, et ipse te enutriet* (28). Quer Deus que o pão nos saiba a pão, porque o que se come com cuidados tem outro sabor, e causa muitos diferentes humores. Na parábola do semeador compara Cristo as espinhas aos cuidados, e diz que as espinhas que nasceram juntamente com o trigo o afogaram: *Et simul exortae spinae suffocaverunt illud* (Lc. 8, 7). — O que aconteceu aqui ao trigo, lhe sucede também depois que é pão, porque a terra e o homem ambos são terra. O pão cria sangue, e as espinhas tiram-no; e o pior é que o não deixam criar. Assim como o pão semeado o afogam as espinhas, assim ao pão comido o não deixam digerir os cuidados. Por isso nos tira Cristo o cuidado quando nos dá o pão não só para que o comamos, senão também para que nos preste. A causa natural de se nutrir melhor e terem menos doenças



os animais, é porque comem sem cuidado. Assim o notou Plínio, o qual diz, no mesmo capítulo, que é coisa ridícula cuidarem os homens que, sendo Deus sumamente superior, tenha cuidado deles: *Irridendum vero agere curam rerum humanarum illud quidquid est summum* (29). Falou como gentio sem fé. Mas em nós, que a temos, e cremos o contrário, quem não terá por verdadeiramente ridículo o cuidado com que fiamos mais do nosso que do de Deus? O sol nasce cada dia, e ninguém desconfiou de que a sua luz se acabe hoje, porque sabe que há de tornar amanhã. Pois, assim como nos deitamos seguros à noite, sem que nos tire o sono este cuidado, assim no-lo não deve tirar o anoitecer sem pão, porque o mesmo Deus, que cada dia nos dá o sol, nos dará o pão cada dia.

Eu não nego que o mesmo nome de cada dia mais parece significar dieta que fartura. Mas quando os sujeitos são tão enfermos como nós, não seria tão divina a Providência que nos dá o pão, se no-lo não medira ou receitara com tal regra, que juntamente fosse alimento e mais medicamento. Quando choveu o maná do céu, mandou Deus por Moisés a todo o povo que ninguém o recolhesse senão para aquele dia somente, nem o deixasse para outro: *Nullus relinquat ex eo in mane* (30). — Parece que é propriedade do pão do céu ser pão de hoje. Houve, contudo, alguns desobedientes que o guardaram para o dia seguinte, e diz o texto sagrado que todo o guardado se corrompeu logo, e se converteu em bichos: *Dimiserunt quidam ex eis usque mane, et scatere coepit vermibus, atque computruit* (31). — O maná de sua natureza não era corruptível, ao menos tão depressa. Prova-se do que guardou o mesmo Moisés na Arca do Testamento, o qual durou muitos séculos, e não se sabe se dura e persevera ainda com a mesma Arca. Pois, por que ordenou Deus que o maná, contra sua própria natureza, se corrompesse milagrosamente, e não durasse mais que doze horas, nem se pudesse guardar de um dia para o outro?

Porque a gente a quem se dava era incrédula, avarenta e ingrata, e todos estes vícios quis Deus curar nela com lhes dar o pão para um só dia. Se sois incrédulos, crede que quem vos deu o pão hoje, também vo-lo dará amanhã. Se sois avarentos, e vos parece pouco, e quereis mais do que podeis comer, contentai-vos com o que basta. E se sois ingratos, e não reconheceis a mão de que recebeis o benefício, a mesma necessidade e dependência vos obrigará a que a beijeis muitas vezes, e por força ou por vontade vos mostreis agradecidos.

Daqui tirou Santo Ambrósio um excelente documento para os príncipes que, prezando-se de liberais, desprezam a sua mesma liberalidade, impossibilitando-se com ela para continuar: *Modus liberalitatis tenendus est, ut quod bene facis, quotidie facere possis, ne subtrahas necessitati, quod indulseris effusioni* (32). Não hão de dar os reis tão prodigamente hoje, que lhes não fique que dar amanhã. Como há de dar todos os dias, quem dá tudo em um dia? Cuidam que dando tudo ganham a muitos, e perdem a todos, porque não há fé sem esperança, nem firmeza sem dependência, nem ainda amor tão cego que não abra os olhos para o futuro. Por isso Deus, que é Senhor de tudo, dá com reserva, e para freio da nossa sujeição nos põe a taxa na boca. Dá-nos o necessário, e não o supérfluo, porque nos quer bem mantidos, mas não enfasiados. Até o demônio nunca farta aos que tenta, porque os tem mais seguros na fome que no fastio. A fome é desejo, o fastio desprezo; e isto compra com o supérfluo quem dá mais do necessário. E bem verdade que, não dando Deus no maná mais que o necessário para cada dia, os que o comiam contudo se enfastiaram dele: *Nauseat anima nostra super cibo isto* (33). Mas aquele fastio não foi da natureza, foi da enfermidade. O doente até do necessário se enfastia. E em prova de ser doença, e doença mortal, de três milhões de homens que saíram do Egito, e comeram o maná, só dois chegaram vivos à Terra de Promissão.



Oh! Se os homens medissem o pão com a vida, como é certo que lhes não pareceria pouco o pão de hoje! Sêneca tem por infelizes os que não medem a sua fome com o seu estômago: *Infelices qui non intelligitis vos majorem famem habere, quam ventrem.* — E mais infelizes são ainda, e menos entendidos, os que não medem o seu pão com a sua vida. O pão de hoje prometeu Deus a todos os que lho pedirem; a vida de hoje a ninguém a prometeu: *De mane usque ad vesperam finies me* (34) — dizia el-rei Ezequias. E se as vidas mais bem guardadas e mais bem mantidas podem acabar antes da noite, também do pão de hoje lhes pode sobejar o da ceia. Esta foi a ignorância daquele néscio que, porque se achava com muitos moios de pão, os media com muitos anos de vida: *Anima mea, habes multa bona in annos plurimos: comede, bibe, epulare* (35). O pão seria para muitos anos, mas a vida era para tão poucos dias, que da noite em que isto sonhava não chegou a ver amanhã: *Stulte, hac nocte repetunt animam tuam a te* (36). Disse S. Gregório Niceno, com tão discreta frase como profundo juízo, que este néscio metera no mesmo celeiro o pão e mais os anos: *Longos annorum ambitus spei vanitate in horreis simul concludens* (37). Se os anos, os dias, as horas não estão no palácio do sol (38), senão nos tesouros de Deus, que importa que nos celeiros do homem se guarde mais pão que o de hoje? Não de balde, senão com grande mistério, este mesmo instituto de que falamos se chama Rosário. Toda a vida ou idade da rosa não é mais que um dia: *Quam longa una dies aetas tam longa rosarum* (39). A aurora lhe dá o berço, nascida e fresca; a noite a sepultura, murcha e seca. De sorte que quando no Padre-nosso repetidamente, e por partes, pedimos o pão de hoje, todo o Rosário nos está pregando que de hoje a amanhã se pode acabar a vida. Logo, para a vida que é de hoje, e esse hoje ainda incerto, bem lhe basta o pão de hoje.

Altissimamente exortava S. Paulo aos cristãos primitivos que se aproveitassem da vida enquanto tinham o sobrenome de hoje: *Donec hodie cognominatur, ut non obduretur quis ex vobis* (40). E por que chamou S. Paulo ao hoje sobrenome de homem: *Donec hodie cognominatur?* — Porque o nome do homem é mortal, e nenhum mortal, quando vivo, pode ter outro sobrenome. O sobrenome de Dias até no Cide foi impróprio, porque contra a morte não há valor. Todos os outros apelidos são falsos, só o de hoje é verdadeiro. Hoje somos, amanhã pode ser que não: *Sera dies nimis est crastina; vive hodie* (41) — disse, mais cristãmente do que nós o entendemos, o poeta gentio. Há homens de hoje, homens de amanhã e homens de nunca. E quais são os de nunca? Os de amanhã? É sutilíssima advertência de Santo Agostinho. Porque quando chega o dia de amanhã, já não é amanhã: é hoje. E se os que somos ou nos prezamos de ser homens devemos ser homens de hoje, por que nos não contentaremos com o pão de hoje, e por que cuidaremos que pedimos menos do que devemos pedir, quando dizemos a Deus: *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie?*

Mas esta petição — dirão os ricos — é só para os pobres, e não para nós, que temos pão para muitos dias, e para todos, e não só para uma vida, senão para muitas: para a nossa, e para as de nossos descendentes. Só lhes falta dizer que Cristo não advertiu nisto quando ensinou a todos o pedir o pão de hoje. Esse mesmo pão que tendes, ou cuidais que tendes, se Deus vo-lo não der hoje, não o tereis. Em um dia perdeu Dario a monarquia dos persas; em uma noite perdeu Baltasar a dos assírios, em uma hora perdeu Jó os gados, os escravos, as searas, a casa, os filhos, e, sendo o mais rico entre todos os do Oriente, ficou tão pobre, não como outro, senão como o mesmo Jó, exemplo não só da maior pobreza, mas da última miséria. E se Deus em cada hora deste mesmo dia vos pode tirar quanto tendes, justiça tem para vos mandar que lhe peçais o pão de hoje. Por isso lhe pedimos que nos dê o

pão nosso: *Panem nostrum*. Pois, se é nosso, e ele no-lo deu já, por que lho havemos de tornar a pedir? Porque não só o pão que não tendes, senão o que tendes, não o tereis nem será vosso se ele vo-lo não der hoje. Assim como Deus em todos os momentos nos está dando o ser, assim em todos nos está dando o comer; e é excesso de favor e liberalidade contentar-se que lhe peçamos para todo o dia o que ele nos está dando e nos lhe devemos pedir todos os momentos. Não pedimos, logo, menos do que devíamos, senão muito mais do que devemos.

Só resta a objeção de pedirmos para todos e não cada um para si. Mas este é o mais sublime modo de pedir, e o mais certo de alcançar. Ninguém pede melhor para si que quem pede para todos. Entrou o sacerdote Zacarias no Templo a orar e oferecer o incenso à hora costumada, quando lhe apareceu à mão direita do altar o Anjo Gabriel, e lhe disse da parte de Deus que a sua oração fora ouvida, e lhe nasceria um filho, que foi o Batista: *Exaudita est deprecatio tua, et uxor tua Elisabeth pariet tibi filium* (42). — Não há santo antigo nem expositor moderno que não repare na coerência deste texto. A oração que naquela hora fez Zacarias não era particular, senão pública, pelo bem comum de todo o povo, o qual também acompanhava a mesma oração com as suas: *Et omnis multitudo populi erat orans foris* (43). — Pois, se Zacarias nesta oração não orava por si, senão por todos, e não pedia para si filho, senão para todo o povo o bem universal dele, como lhe diz o anjo que fora ouvida a sua petição, prometendo-lhe aquilo que não tinha pedido? Respondem graves autores que, posto que Zacarias, quando agora orou, não pedisse a Deus sucessão — da qual pela sua velhice e pela esterilidade de sua mulher estava tão desesperado, que ainda depois de prometida ficou incrédulo, e em pena da incredulidade mudo — contudo que antigamente, quando ambos estavam em idade de ter filhos, então o pedira a Deus, e esta antiga oração é a que agora foi ouvida. Mas, se esta mesma oração — torna a dúvida com maior força — se esta mesma oração não foi ouvida nem despachada então, por que foi ouvida e outorgada agora? Porque agora orava Zacarias para todos, então orava para si; e o que não conseguiu nem mereceu quando orava para si, agora o mereceu e alcançou, porque pedia para todos. Onde se deve notar e reparar muito que o que agora alcançou não o pediu agora. De sorte que, quando orava para si, não mereceu alcançar o que pedia, e quando orava para todos, mereceu alcançar o que não pedia, porque então pedia filho, e agora não.

Tanto melhor e mais eficaz oração é, como Cristo nos ensina, o pedirmos para todos, que cada um para si.

Mais digo. Monta tanto diante de Deus o pedir para todos, que ainda quando Deus nos nega o que pedimos para todos, nos concede o que não pedimos para nós. Pede Abraão a Deus, não com uma nem com duas, senão com muitas e importunas instâncias que perdoe às cinco cidades de Sodoma e Gomorra, mas não o conseguiu. Chove fogo do céu, abrasam-se as cidades; e que fizeram os anjos executores desta justiça? Tomam pela mão a Ló, sobrinho de Abraão, e assim a ele como a toda a sua família o livraram do incêndio. E Abraão, porventura, tinha orado por Ló? Não se lê tal oração na Escritura, referindo-se miudissimamente todas as outras. Pois, se Deus não livrou as cidades pelas quais intercedeu e orou Abraão, por que livra o sobrinho de Abraão, pelo qual não orou nem intercedeu? Porque, ainda quando Deus nos nega o que pedimos para todos, nos concede, no mesmo caso, o que não pedimos para nós. Advertidamente Oleastro: *Non legimus Abraham pro nepote orasse, et legimus Deum ejus gratia illum ab incendio liberasse* (44). Foi tão agradável e tão aceita a Deus a oração que Abraão fez por todos, que ainda quando negou à sua oração o que pediu para todos, lhe concedeu sem oração o que

não pediu para si. — Altíssimo é, logo, assim nesta petição como nas outras, este modo de pedir, e altíssima em todas as do Rosário a voz com que sempre assim pedimos: *Extollens vocem*.

## CAPÍTULO VIII

Última consideração do discurso: a intercessão de que nos valem, que é a da Virgem Senhora Nossa. O mais alto e mais nobre modo de pedir: pedir não pedindo. Como oraram as duas mais ensinadas discípulas de Cristo, Marta e Maria? À Virgem pedimos que peça, mas não dizemos o que há de pedir, e esta é a maior delicadeza e perfeição de orar. A oração de São Domingos Reginaldo. O que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Se a soberania da Mãe de Deus é tão grande que pode mandar, por que lhe não pedimos que mande, senão que peça e rogue? Os deuses não os faz quem lhes fabrica as imagens, senão quem os roga. Cristo, gerado por Maria, recebeu dela a humanidade; rogado por Maria, recebe dela, enquanto intercessora nossa, a divindade.

Sempre chego tarde à terceira e última consideração do discurso. Mas, como a matéria é tão grande, mais queixosa a imagino do muito que deixei de dizer, e pudera, que da largueza do que disse, poupando sempre palavras quanto me foi possível. Considera esta terceira parte a intercessão de que nos valem, que é a da Virgem, Senhora nossa, cujo poderosíssimo patrocínio tantas vezes imploramos quantas repetimos no Rosário Ave-Maria. Mas, se na oração do Padre-nosso pareceu que excedemos o modo de pedir, ou pedindo mais ou menos do que devíamos, na da Ave-Maria, que é tão diversa, quem não dirá que totalmente perdemos ou encontramos o mesmo modo, pois nenhuma coisa pedimos? O que só dizemos na Ave-Maria à Mãe de Deus, é que rogue por nós: *Sancta Maria Mater Dei, ora pro nobis*. Pedimos-lhe que peça, mas não dizemos o que há de pedir: logo, não pedimos nada.

Primeiramente respondo que não há mais nobre nem mais alto modo de pedir, que não pedindo. Marta e Maria amavam muito a Lázaro, e desejavam muito de o tornar a ver vivo, e criam que Cristo o podia ressuscitar; pois, por que não pediram ao Senhor que o ressuscitasse? Porque sabiam, como nobres e ilustres que eram, que o mais cortês modo de pedir é não pedindo. Assim responde por elas S. Bernardo, depois de as arguir: *Si fratrem vestrum amatis, cur ejus misericordiam non flagitatis, de cujus potentia dubitare, pietate diffidere non potestis? Respondent: sic melius tanquam non orantes oramus* (45). Se amais a vosso irmão, e não podeis duvidar do poder nem desconfiar do amor de Cristo, por que não pedis por ele? Mas a isto respondem — diz o santo — que assim pedem, e pelo melhor modo porque pedir não pedindo é o melhor modo de pedir: *Sic melius tanquam non orantes oramus*. — Assim oraram então as duas mais bem ensinadas discípulas de Cristo, e assim oramos nós também no Rosário, que a escola de sua Mãe é a mesma. Repetindo tantas vezes a Ave-Maria, nenhuma coisa representamos à Virgem Santíssima, nem de necessidade, nem de remédio, nem de favor, ou que nós peçamos, ou que a mesma Senhora haja de pedir por nós; mas, quando assim oramos sem pedir, então oramos melhor, por que não pedimos: *Sic melius tanquam non orantes oramus*.

A razão é porque, orando assim, oramos à Mãe de Deus pelo mesmo modo com que devemos orar a Deus. A Deus — dizia o oráculo da filosofia, Sócrates — não se há de pedir coisa alguma determinadamente, porque ele sabe melhor o que há de

dar do que nós o que devemos pedir: *Te totum caelestium arbitrio permitte, quia qui tribuere bona ex facili solent, etiam eligere aptissime possunt.* — Não só há de ser de Deus o dar, senão também o eleger. Em esperar dele a mercê supomos a sua liberalidade; em a deixar na sua eleição honramos a sua sabedoria. E assim fazemos quando oramos à Mãe de Deus. Pedimos que peça, mas não dizemos o que há de pedir, para que, assim como a intercessão há de ser sua, seja também sua a eleição. Desejava entrar na ordem de S. Domingos Reginaldo, deão da catedral de Orleães e famoso catedrático da Universidade de Paris, quando caiu mortalmente enfermo. Não cessava, porém, o santo patriarca, e toda a ordem, de rezar o Rosário por esta tenção, quando, na última desconfiança da enfermidade, apareceu a soberana Rainha dos Anjos no mesmo aposento do enfermo, e disse a Reginaldo que pedisse o que quisesse, porque ali estava em pessoa, e tudo lhe seria concedido. Suspenso, tanto da visão como da promessa, ficou atalhado o grande doutor, não se sabendo resolver no que pediria; porém, Santa Cecília e Santa Catarina, que de um e outro lado acompanhavam a Senhora, aconselharam ao enfermo que nenhuma coisa pedisse, e que todo se pusesse em suas mãos. Fê-lo assim Reginaldo, dizendo: — Soberana Rainha do céu, o que Vossa Majestade for servida de mim isso é o que só quero, e nas mãos de vossa bondade e clemência, com toda a reverência e humildade me ponho todo. Então as duas virgens, que não só como as prudentes do Evangelho deram o conselho, senão também o óleo, presentaram de joelhos à Senhora duas redomas em que o traziam, e a piedosíssima Mãe de Deus, ungiu o enfermo com as mesmas mãos em que ele se, tinha posto, não só o livrou da morte que aguardava por instantes, mas, no mesmo momento o restituiu à inteira saúde e forças, que é o que naquele estado pudera desejar e pedir, mas não pedira. Não foi excelente modo este de pedir não pedindo? Pois, isto é o que tantas vezes — fazemos no Rosário em cada Ave-Maria que rezamos.

Pedir por este primoroso modo, não só é pedir sem pedir, mas é pedir e juntamente dar. E pedir, porque pedimos a intercessão, e é dar, porque damos a eleição. Na intercessão que pedimos, reconhecemos na Mãe de Deus a sua dignidade; na eleição que demitimos de nós, renunciemos na mesma Senhora a nossa vontade. No Padre-nosso pedimos a Deus o que ele quer que peçamos; na Ave-Maria pedimos à Mãe de Deus o que ela quiser pedir. E este é o maior primor, a maior cortesia, e a maior delicadeza e perfeição de orar. E por que? Ensinou-o maravilhosamente meu santo patriarca Inácio naquela sua famosa Epístola aos Portugueses, que, em gênero de espírito, é uma das maiores coisas que se tem escrito na Igreja. A razão é — diz o santo — porque quem pede o que quer prefere-se por uma parte, ainda que se sujeita por outra.

Em pedir, sujeita-se, porque o pedir é ato de sujeição; mas, em declarar o que quer, prefere-se, porque o próprio querer é ato de liberdade e de preferência. — Tanto assim — diz profundamente S. Bernardo, alegado pelo mesmo santo — que, quando o súdito consegue do prelado o que quer, não é o súdito o que obedece ao prelado, senão o prelado o que obedece ao súdito: *Nec enim in ea re ipse praelato, sed magis ei praelatus obedit.* — Em pedir, sujeita-se ele ao prelado, mas em pedir o que quer, quer que o prelado se sujeite a ele, e assim o consegue. De sorte que o mesmo pedir por tal modo é pedir e mandar juntamente. Daqui se entenderá a propriedade com que fala a Escritura, quando diz que obedeceu Deus à voz de Josué: Obediente Domino voci hominis (46). — Obediência supõe mandado de uma parte e sujeição da outra; pois, como podia ser que Deus obedecesse a um homem? Porque Josué, como consta do texto, pediu e mandou juntamente: *Locutus est Josue Domino, dixitque: Sol contra Gabaon ne movearis* (47). E como Josué pediu mandando, enquanto pediu,

concedeu-lhe Deus o que pedia, enquanto mandou, obedeceu ao que mandava. Isto é o que faz quem não só pede, mas pede o que quer. Logo, para pedir com a maior cortesia, com o maior primor e com a maior perfeição, não se há de declarar em nada a própria vontade, mas sujeitar-se em tudo e por tudo a quem pede, e à sua disposição e arbítrio, como nós fazemos ao da Mãe de Deus.

Excelente lugar de Davi: *Subditus esto Domino, et ora eum* (Sl. 36, 7): Fazei-vos súdito de Deus, e então orai. — Pois, quem ora e pede a Deus, não se sujeita a ele? Distingo. Se pede o que quer, sujeita-se em parte, e no tal caso não é perfeito súdito, porque usa da sua liberdade; porém, se pede, e não diz o que quer, então se sujeita inteiramente, e se faz perfeito súdito de Deus, porque renuncia nele à sua vontade. O mesmo texto o declara, com bem advertido reparo de Hugo Victorino: *Propterea non dixit tibi, ora eum hoc, vel illud, sed tantum ora eum* (48). Notai o que diz e o que não diz o profeta. Não diz que oremos e peçamos a Deus isto ou aquilo, mas só diz que oremos e que peçamos, porque este é só o modo de orar e pedir como súdito: *Subditus esto Domino, et ora eum*. — E que mais? A conseqüência é digna de tão grande autor, e em próprios termos a nossa: *Cum ergo oras, quem petas potius quam quid petas cogitare tibi dulce sit*: Logo, todo o nosso cuidado quando oramos há de ser pôr os olhos em a quem pedimos, e não no que pedimos: *Quem petas potius quam quid petas*. — E isto é, o que faz a nossa oração todas às vezes que repete no Rosário: Mater Dei, ora pro nobis. — Olha só para a soberana intercessora, a quem pede, mas não tem olhos para ver o que há de pedir, porque seria grande desprimor nosso, e menos reverência da suprema majestade da Mãe de Deus, não deixar tudo à sua providência, e ao seu arbítrio. Por isso pedimos que peça por nós, e não o que há de pedir.

Mas, em dizermos que peça, parece que também trocamos um modo por outro, e deixamos o de maior dignidade pelo menos digno. A dignidade da Mãe de Deus é tão soberana que, ainda em respeito do mesmo Deus, como Mãe a Filho, não só pode alcançar quanto pedir, senão mandar o que quiser. Assim o pronunciam expressamente muitos dos Santos Padres, e é já tão vulgar esta grande suposição entre os doutores, que não necessita de autoridades a prova dela. Pois, se a soberania da Mãe de Deus é tão poderosa que pode mandar, por que lhe não pedimos que mande, senão que peça e rogue: roga por nós? Também esta circunstância de orar é novo modo de primor com que mais nos empenhamos a estimar toda a mercê e favor que, por intercessão da mesma Senhora, alcançarmos. Toda a mercê pedida por quem a pode dar, ainda que tenha igual preço dada, merece maior estimação por pedida. Já vimos o primeiro primor de Marta e Maria, em não quererem pedir a ressurreição de Lázaro. Acrescentou, porém, Marta que ela sabia muito bem que tudo o que Cristo pedisse a Deus lho havia de conceder: *Et nunc scio quia quaecumque poposceris a Deo, dabit tibi Deus* (49). E como o Senhor replicasse que ele era a vida e a ressurreição, e lhe perguntasse se o cria assim: *Credis hoc?* — respondeu Marta que tempo havia que tinha crido que o mesmo Cristo era Filho de Deus: *Utique, Domine, ego credidi, quia tu es Christus, Filius Dei vivi* (50): Pois, se Marta sabia que Cristo era Deus, e como Deus podia dar a vida a seu irmão, por que não alega que lha podia dar como Deus, senão que a podia pedir a Deus como homem? Porque era muito maior favor neste caso o pedir que o dar, e ficava muito mais autorizada a mesma ressurreição como pedida que como dada. Assim o fez o Senhor. Primeiro orou publicamente — o que não tinha feito nas outras ressurreições — e depois ressuscitou a Lázaro, porque, como o amavas tanto que lhe tinham custado lágrimas, quis que fosse dobradamente autorizada a sua



ressurreição, não só como dada por ele, mas como pedida: *In speciem precantis compositus rebus ipsis auctoritate manifestat* (51) — diz S. Basílio de Selêucia.

Esta é a primeira razão por que no Rosário pedimos à Mãe de Deus, não que dê, senão que peça, e não que mande, senão que rogue, para lhe devermos mais a estimação desta circunstância. A segunda ainda é muito mais alta, e de maior fundo.

Pedimos à Senhora que rogue quando lhe chamamos Mãe de Deus: Santa Maria Mãe de Deus, roga por nós — porque, se Maria, gerando a Cristo, deu a Deus o ser humano, rogando-o, dá-lhe o divino, quanto pode dar a criatura. Ora, notai. Se há coisa que de algum modo possa dar divindade, não é outra senão o rogar. Quis Nabucodonosor ser Deus de todo o mundo, e que não houvesse outro Deus senão ele; e o meio que tomou para estabelecer a sua divindade foi mandar, por um decreto universal, que só a ele pudessem rogar os homens, e a nenhum outro: *Numquid non constituisti ut omnis homo qui rogaret quemquam de diis et hominibus, nisi te, rex mitteretur in lacum leonum* (52)? Assim o mandou aquele potente rei, e assim lho aconselharam os maiores sábios de sua monarquia, entendendo uns e outros que só o ser rogado lhe podia conciliar o ser Deus. Queria ser Deus e só: para ser Deus, roguem-no todos; para ser só, ninguém rogue a outro: *Ut non rogare quemquam, nisi te, rex.* — Este foi o pensamento — e pode ser que tomado daqui — com que disse discretamente o poeta que os deuses não os faz quem lhes fabrica as imagens ou lhes levanta os altares, senão quem os roga: *Non facit ille deos, qui rogat ille facit* (53). — Os deuses dos gentios eram de pau, ou de pedra, ou de metal, obras das mãos dos homens, como diz o profeta; e quem os fazia deuses? Não os faziam deuses os escultores, senão os rogadores. Quando esculpidos, quando lavrados, quando formados, ainda eram paus e pedras; mas quando rogados, então começavam a ser deuses: *Deos qui rogat ille facit.*

Grande lugar de Minúcio Feliz, naquela famosa apologia sua em nome de Otávio: *Ecce funditur, fabricatur, sculpsitur: nondum deus est. Ecce plumbatur, construitur, erigitur: nec adhuc deus est. Ecce ornatur, consecratur, oratur: tunc postremo deus est* (54): Toma o escultor o metal nas mãos, derrete-o, funde-o, lança-o nos moldes, dá-lhe forma: é já deus? Ainda não: *Nondum deus est.* — Tira-o fora já formado, compõe-lhe os membros, distingue-lhe as feições com toda a arte, e limado, e polido, e chumbado, para que se tenha em pé, erguido, e direito; é já deus? Nem ainda agora: *Nec adhuc deus est.* — Orna-o, consagra-o, faz-lhe oração: é já deus? Agora sim. *Oratur: tunc postremo deus est.* — Quando é orado e rogado, então é Deus. Dai-me licença, Virgem Santíssima do Rosário, para que destas estátuas sem ser vos forme e levante uma. Posto que vosso benditíssimo Filho sempre foi Deus verdadeiro, em todos os mistérios do Rosário pode parecer só homem; mas quando vós chegais a lhe rogar por nós, ninguém pode negar que é Deus. Humanado Cristo, nascido, apresentado, perdido e achado no Templo, poderá dizer quem o não conhece: *Nondum deus est.* — Suando sangue, atado à coluna, coroado de espinhos, carregado com a sua cruz e pregado nela, e também ressuscitado e subido ao céu, ainda poderá persistir no mesmo: *Nec adhuc deus est.* — Porém, vendo que vós, Senhora, sendo quem sois, o rogais, assim como até agora lhe confessava o ser humano, já lhe não pode negar o divino. Fá-lo com toda a corte do céu.

Aclamava a Cristo toda a corte do céu, anjos e santos, em figura de Cordeiro e ouviu S. João no seu Apocalipse, que todos a uma voz diziam assim: *Dignus est Agnus, qui occisus est, accipere virtutem et divinitatem* (Apc. 5, 12): Digno é o Cordeiro que se sacrificou pelo gênero humano, de receber o poder e a divindade. — Parece que não concorda esta Teologia do céu com a nossa. Cristo, que é o



Cordeiro desde o instante de sua Encarnação, recebeu a divindade, porque sempre foi Deus: nem então se pode dizer que foi digno de receber a mesma divindade, porque a união da humanidade ao Verbo nem a mereceu, nem a pôde merecer. Pois se já tinha e sempre teve a divindade, e sem merecimento próprio, por que diz agora a uma voz todo o céu que é digno de a receber: *Dignus est Agnus accipere divinitatem?* — E se a recebeu outra vez depois de já recebida, que novo modo de receber a divindade foi este? Respondem todos os teólogos e expositores que o modo de a receber outra vez foi o reconhecimento, o conceito e a voz universal de todos os homens e anjos, que com aqueles aplausos o confessavam. Logo, muito mais e muito melhor recebe Cristo a divindade sendo rogado só de sua Mãe que sendo reconhecido e aclamado de toda a corte do céu. É conseqüência manifesta, porque a maior majestade e a maior soberania que há no céu e na terra, abaixo de Deus é a pessoa de Maria. Logo, aquele a quem Maria roga não pode ser senão Deus. E se o ser Cristo reconhecido e aclamado como Deus, pelos obséquios e aplausos de toda a corte do céu, é novo modo de receber a divindade: *Accipere divinitatem* — muito mais alta e majestosamente recebe Cristo a mesma divindade quando é rogado por Maria, porque Maria, e a sua autoridade, excede muito a de toda a corte do céu. E daqui se fica concluindo com a mesma evidência o que eu dizia: que se gerado Cristo por Maria recebeu dela, enquanto Mãe sua, humanidade, também rogado por Maria recebe dela, enquanto intercessora nossa, a divindade. Enquanto Mãe, porque o gerou; enquanto intercessora, porque o roga. Vede agora, e julguem todos, se é alto e mais que altíssimo este modo de pedir, e quanto se levanta neste ponto sobre si mesma a voz altíssima do Rosário: *Extollens vocem*.

## CAPÍTULO IX

Última recomendação aos devotos da Senhora do Rosário.

Tenho acabado o meu discurso, e por última recomendação do que fica dito, só peço aos devotos da Senhora do Rosário não deixem de advertir nele quão necessária nos é a todos a intercessão da mesma Senhora. Basta que nos seja tão necessário como o pão para a boca? Pois advertam que ainda é maior a necessidade que dela temos, e nós mesmos o confessamos em uma e outra oração do Rosário, porventura sem o advertir. No Padre-nosso pedimos o pão para cada dia: *Panem nostrum quotidianum*; na Ave-Maria pedimos a intercessão da Senhora para cada hora e para cada instante: *Nunc, et in hora mortis nostrae*. — O *nunc* significa instante; a hora da morte é e pode ser cada hora. E se o pão o pedimos para cada dia, e a intercessão da Senhora para cada hora e para cada instante, não haja hora nem instante no dia em que não digamos de todo o coração à poderosíssima Mãe de Deus e nossa: *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus, nunc, et in hora mortis nostrae. Amen*.

- (1) Uma mulher, levantando a voz no meio do povo (Lc 11, 27).
- (2) Levantai, ó príncipes, as vossas portas (Sl 23, 7).
- (3) Oxalá romperas tu os céus, e desceras de lá (Sl 64, 1).
- (4) Aug. *epist. ad Demetriadem*
- (5) Aug. in Psal, 118, conc. 4.
- (6) Chrysol. *de Fil. Prodig. et frugi serm 2*.
- (7) D. Chrysost. *citatus ab Abulensi et Hugone hic*.

- (8) A ninguém chameis pai vosso sobre a terra, porque um só é vosso Pai, que está nos céus (Mt 23, 9).
- (9) E vós todos sois irmãos (Mt 23, 8).
- (10) *Paschas. in exposit. Orat. Dominic.*
- (11) *D. Chrysost. in exposit. Orat. Domin.*
- (12) Se dissermos que estamos sem pecado, nós mesmos nos enganamos, e não há verdade em nós (1 Jo 1, 8).
- (13) Quantas coisas quis, todas fez o Senhor, no céu e na terra (Sl 134, 6).
- (14) *D. Bernard. Serm. 6, in Quadrages.*
- (15) Qual é a vontade de Deus, boa, e agradável, e perfeita (Rom 12, 2).
- (16) Achei um homem segundo o meu coração, que fará todas as minhas vontades (At 13, 22).
- (17) Mas cumpra-se o que for vontade de Deus no céu (1 Mac 3, 60)
- (18) *D. Chrysost. homil. 20 in Matt.*
- (19) Vi um céu novo e uma terra nova, e a cidade santa, a Jerusalém nova, que descia do céu (Apc 21, 1 s).
- (20) E Deus lhes enxugará todas as lágrimas de seus olhos, e não haverá mais morte, nem haverá mais choro, nem mais gritos, nem mais dor (ibid. 4).
- (21) Bendizei ao Senhor todos os anjos dele, poderosos em virtude, que sois executores da sua palavra, para obedecer à voz das suas ordens (Sl 102, 20).
- (22) O pão nosso, as nossas dívidas, dá-nos, perdoa-nos, não nos deixes, livra-nos (Mt 6, 11 ss).
- (23) *Abulens. in Matth. 6, 11.*
- (24) *August. ad Probam. Orat. Ep. 121.*
- (25) O homem, quando estava na honra, não o entendeu; foi comparado aos brutos irracionais, e se fez semelhante a eles (Sl 48, 21).
- (26) Não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis aí a reduzirei a uma cama (Apc 2, 21 s).
- (27) Foi arrebatado para que a malícia lhe não mudasse o modo de pensar. Porque a sua alma era agradável a Deus, por isso ele se apressou a tirá-lo do meio das iniqüidades (Sab 4, 11. 14).
- (28) Lança sobre o Senhor o teu cuidado, e ele te sustentará (Sl 58, 23).
- (29) *Plinius, Hist. Natural. lib I, cap. 7.*
- (30) Nenhum deixe dele para outro dia pela manhã (Êx 16, 19).
- (31) Tendo alguns deles guardado do maná para outro dia, ele começou a ferver em bichos, e apodreceu (ibid. 20)
- (32) *D. Ambros. lib. 2 Officior. cap. 16.*
- (33) A nossa alma se enfastia já deste manjar (Núm 21, 5).
- (34) Desde a manhã até à tarde tu me acabarás (Is 38, 13).
- (35) Alma minha, tu tens muitos bens em depósito para largos anos: come, bebe, regala-te (Lc 12, 19).
- (36) Néscio, esta noite virão demandar a tua alma (ibid. 20).
- (37) *Gregorius Nissenus, de Orat. Domin. Orat. 4.*
- (38) *Ovid. Metam. lib. 2.*
- (39) *Virgil. in Rosa.*
- (40) Durante o tempo que a Escritura chama hoje, para não acontecer que algum de vós caia na obduração (Hebr 3, 13).
- (41) *Martialis.*
- (42) Foi ouvida a tua oração, e Isabel, tua mulher te parirá um filho (Lc 1, 13).
- (43) E estava toda a multidão do povo fazendo oração da parte de fora (ibid. 10).

- (44) *Oleat. in cap. Genes. 19.*
- (45) *D. Bernardus de Grad. Humilit.*
- (46) Obedecendo o Senhor à voz de um homem (Jos 10, 14).
- (47) Falou Josué ao Senhor, e disse: Sol detém-te sobre Gabaon (ibid. 12).
- (48) Hugo Victor. *in annotat. ejusdem Psal.*
- (49) Mas também sei agora que tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá (Jo 11, 22).
- (50) Sim, Senhor, eu já estou na crença de que tu és o Cristo, Filho de Deus vivo (ibid. 27).
- (51) *S. Basil. Seleuc. Orat. 42.*
- (52) Não ordenaste tu que todo o homem que fizesse oração a qualquer dos deuses, ou dos homens, que não fosses tu, fosse lançado no lago dos leões (Dan 6, 12) ?
- (53) *Ovidius.*
- (54) *Minutius in Octavio.*

**FIM**